



afalgarve

futebol algarvio

N.º 69

Junho / Julho '12

**Manuel José homenageado
na Festa do Futebol**



**António Colaço eleito
Dirigente do Ano 2011/12**

**Silvia Domingos volta
a rubricar época de sonho**

Faro

competimos juntos

Futsal 86 Atletas

S. Pedro Futsal Clube

Grupo Desportivo da Atalaia

Grupo Desportivo e Cultural Jograis António Aleixo

Futebol 796 Atletas

Sporting Clube Farense

Futebol Clube S. Luís

Sport Faro e Benfica

Futebol Clube "Os 11 Esperanças"

Associação Desportiva Escola de Futebol de Faro

Clube União Culatrense

Associação Desportiva Geração de Génios

Associação Academia Sporting de Faro

Clube Desportivo do Montenegro

Sumário

5 – ABERTURA

7 – MENSAGEM

8 – FESTA DO FUTEBOL

15 – LAGOS E BENFICA BRILHA NO FUTSAL

16 – A ACTIVIDADE DAS SELECÇÕES DO ALGARVE

17 – NOTÁVEL ÉPOCA DE SÍLVIA DOMINGOS

19 – O OLHAR DE... NUNO ENCARNÇÃO

20 – BOLA AO CENTRO, POR JOÃO LEAL

24 – ENSINAR A JOGAR FUTEBOL, POR CARLOS ALMEIDA

26 – DO JOGO DA BOLA ÀS CIÊNCIAS DO DESPORTO

29 – A ALFABETIZAÇÃO MOTORA DO JOVEM FUTEBOLISTA

32 – FUTSAL: LEIS DO JOGO

33 – ÚLTIMO PONTAPÉ

34 – TESTE OS SEUS CONHECIMENTOS

Ficha Técnica

Revista AF Algarve
N.º 69 – Junho/Julho de 2012

Director: Carlos Jorge Alves Caetano

Coordenador editorial: Armando Alves

Textos de: Armando Alves, António Pincho Correia, Carlos Almeida, Prof. José Guilherme, Prof. Dr. J. Martinez, João Leal, Prof. Dr. Jorge A. Araújo e Nuno Encarnação

Fotos: Armindo Vicente, Carlos Almeida, Carlos Vidigal Jr, Hélio Justino, Luís Forra, Mira, Nélson Pires, Nuno Eugénio, José Carlos Campos, Vasco Célio e arquivo da Associação de Futebol do Algarve

Montagem e impressão: Gráfica Comercial, Parque Industrial, Loulé

Propriedade: Associação de Futebol do Algarve, Complexo Desportivo, 8000 FARO

Endereço electrónico: revista@afalgarve.pt

Sítio da AF Algarve: www.afalgarve.pt

Depósito legal: 242121/06

Distribuição gratuita

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa da AF Algarve





inspiramos as melhores jogadas



loulé
concelho

Associação Cultural de Salir | Casa Benfica de Loulé | Centro Animação Apoio Com. da Freguesia de Alte
Clube Desportivo Checul | Clube Desportivo de Boliqueime
Clube Desportivo Recreativo Quarteirense | Internacional Clube Almancil | Juventude Sport Campinense
Louletano Desportos Clube | Quarteira Sport Clube | Sociedade Cultural Os Falcões
Sociedade Recreativa Almancilense | Sociedade Recreativa Loulé-Gare

O fim da 3.ª Divisão

Após muitos anos de discussão em redor do tema, sucedendo-se as propostas (e também a inércia e a indecisão...), o Campeonato Nacional da 3.ª Divisão vai conhecer na época 2012/13 a sua última edição. Era uma “morte” anunciada, mas que demorou a ocorrer, permanecendo durante um período demasiado longo um modelo já esgotado e desajustado da realidade do futebol português.

Olhando para os quadros competitivos dos países europeus onde o futebol tem uma expressão mais significativa, há muito tempo que se constataria um dado preocupante: Portugal figurava entre os que contavam com o maior número de equipas a participar em campeonatos nacionais, estando muito desvirtuado o princípio piramidal de sustentação de todo o “edifício” futebolístico. Atenta a essa realidade, e considerando também a crise que progressivamente vem assolando o país desde há uns anos, com consequências mais perniciosas para os clubes geograficamente periféricos – como sucede com os algarvios –, a AFA vinha a bater-se, nos locais próprios, pelo fim da 3.ª Divisão, por, manifestamente, se tratar de uma competição que não servia os interesses do futebol e, logicamente, os dos clubes.

Poderá questionar-se o modelo agora adoptado e mostram-se aceitáveis algumas das críticas dirigidas (em particular no que concerne à circunstância de, na mesma época, ser possível o acesso à 2.ª Divisão através de duas provas distintas, a 3.ª Divisão e os campeonatos distritais) mas importa, e em benefício dos promotores da mudança, dizer que, depois de um longo período de discussão inócua, houve a coragem de decidir. Tal-

vez sem considerar um conjunto de situações que deveriam ter sido devidamente equacionadas, mas... sem protelar a questão por mais tempo. Louve-se, pois, a capacidade de agir revelada, sabendo-se de antemão que os benefícios desta medida serão largamente superiores a prejuízos que possam eventualmente vir a registar-se ou a ser alegados.

Se o fim da 3.ª Divisão era um assunto há muito tempo na agenda da Federação Portuguesa de Futebol, já o futebol profissional surpreendeu os observadores ao decidir-se, numa assembleia geral, pelo fim dos empréstimos a clubes do mesmo escalão, passando-se, com diz o povo, do 8 para o 80, pois não havia nenhuma limitação nesse domínio. Tal desproporcionalidade, associada à inexistência de discussão em torno do tema e ao timing escolhido, esteve na origem da decisão tomada pelo Conselho de Justiça da Federação Portuguesa de Futebol, validando o recurso de um clube que não concordou com a medida.

Abre-se agora um tempo de debate sobre a matéria, porventura capaz de se traduzir naquilo que parece ser uma posição de convergência: limitar os empréstimos para evitar os abusos. E limitá-los em dois sentidos: nenhum clube poderá contar com mais de dois ou três atletas cedidos pelo mesmo emblema e nenhum clube deverá dispor nos seus quadros mais de seis ou sete emprestados, independentemente da sua proveniência.

Armando Alves

Restaurante - Snack-Bar



No Tapas é que é bom... !

Encerramos às Segundas-Feiras

Arménio Santos Neves Gonçalves

Rua Pêro Vaz de Caminha, 24-A - 8900 Monte Gordo - Telef. 281 541 847

Estamos ao nível da sua competição



Alvará nº 301/79

Carvoeiro

Rua dos Pescadores nº 1
8400 - Carvoeiro
Tel. + 351 282 350 630/4
Fax. + 351 282 357 333

Vilamoura

Avenida da Marina
Edif. Olympus, Loja 25
8125 - 401 Vilamoura
Tel. + 351 289 380 505
Fax. + 351 289 312 911

www.jgtravel.com

info@jgtravel.com

Mensagem

Presidente da Direcção da Associação de Futebol do Algarve
Carlos Jorge Alves Caetano



Justo tributo a uma referência

1 – A homenagem prestada pela Associação de Futebol do Algarve a Manuel José, na Festa do Futebol, realizada no Casino de Monte Gordo, não foi mais do que um acto de justiça. Estamos na presença do treinador algarvio com maior currículo, somando um impressionante número de conquistas (22 troféus), e os aplausos que ouviu, por coincidência no concelho onde nasceu, reflectiram o carinho, a estima e o respeito que toda a família do futebol da nossa região nutre por uma das suas figuras mais queridas.

2 – Manuel José personifica o querer, a vontade e a capacidade das gentes algarvias ligadas ao futebol. Nasceu num cantinho do país (e da região) mas cedo soube contornar esses condicionamentos, primeiro como jogador de considerável nível, depois como treinador de elite, dos mais conceituados a nível nacional e além-fronteiras, com obra feita em diversos clubes e um rol impressionante de sucessos. É, sem sombra de dúvidas, um motivo de orgulho para todos nós e um bom exemplo, pela sua competência e saber.

3 – Ainda em relação à Festa do Futebol, cumpre-nos saudar os vencedores nas diversas categorias de prémios, dirigindo também uma palavra de estímulo a quem, não subindo ao palco, deu igualmente um contributo valioso, como dirigente, treinador, atleta ou árbitro, para que o futebol e o futsal do Algarve vivessem uma temporada marcada por uma saudável competitividade e por um sempre permanente desejo de fazer melhor.

4 – Quero deixar expresso nestas linhas o reconhecimento devido a várias figuras do futebol algarvio que ostentam agora o estatuto de Sócio Honorário da AFA: Artur Gonçalves, Daniel do Adro, Duarte Murta e Vítor Faria, que subiram ao palco na Festa do Futebol, recebendo ali o reconhecimento pelo valioso contributo dado à modalidade, e ainda Eduardo Tenazinha, José Guerreiro Cavaco e Viegas Ramos, a quem oportunamente entregaremos o diploma e a medalha alusivos a esta distinção. Importa ainda destacar a homenagem prestada a Humberto Viegas, o único algarvio membro dos actuais corpos sociais da Federação

Portuguesa de Futebol (no caso o Conselho de Arbitragem) e o reconhecimento do relevante percurso do árbitro José Albino, que encerrou a sua carreira.

5 – Em tempos de crise, o futebol e o futsal do Algarve resistem às dificuldades, erguendo a bandeira do inconformismo, do desejo de fazer mais e melhor, mesmo que com escassos recursos: a região mantém a representação que tinha nos campeonatos profissionais de futebol e conta com um leque alargado de representantes (por via das subidas de Farense e Quarteirense) na 2.ª Divisão, lamentando-se a desistência do Messinense na 3.ª Divisão, no que se espera ser um passo atrás para se seguirem dois em frente. No futsal, a presença algarvia nos nacionais terá uma dimensão um pouco inferior à da campanha anterior, algo entendível por força dos condicionamentos já referidos e de um outro, muito penalizador para o desporto algarvio: as elevadas despesas provocadas pela nossa situação geográfica. Ainda assim, um elevado número de desistências poderá abrir pelo menos mais uma vaga.

6 – Uma nova época está à porta e, lutando contra um quadro particularmente adverso, esperamos e desejamos que o futebol e o futsal do Algarve possam, pelo menos, pautar-se por um registo semelhante ao da última campanha. Com determinação e empenho – e os dirigentes dos nossos clubes têm dado mostras de grande coragem – acreditamos que muitos obstáculos de todos conhecidos serão superados. Os jovens algarvios, os milhares de praticantes que no futebol encontram um espaço não só de afirmação e vivência no plano desportivo mas também de reconhecida relevância social, merecem esse esforço da parte de todos nós!



INICIATIVA DA AF ALGARVE DECORREU EM AMBIENTE MARCADO POR EMOÇÕES FORTES

Festa do Futebol celebrada com entusiasmo em Monte Gordo

A 4.ª edição Festa do Futebol, evento promovido em Monte Gordo pela Associação de Futebol do Algarve, em parceria com a Câmara Municipal de Vila Real de Santo António e com os Casinos Solverde, revestiu-se de assinalável brilhantismo, com o tradicional desfile de vencedores e nomeados a ter, como cereja no topo do bolo, um momento particularmente gratificante para todos os presentes, a homenagem prestada ao treinador Manuel José.

"Estamos a prestar uma homenagem que lhe é devida há muito tempo pelo futebol algarvio", assim se dirigiu Alves Caetano, presidente da AFA, a Manuel José, no momento mais aguardado da noite.

O líder da AF Algarve deixou ainda palavras de reconhecimento aos vencedores dos diversos prémios e aos que, não sendo nomeados, "deram o melhor de si ao longo da temporada, engrandecendo e valorizando, com a sua conduta e espírito desportivo, o futebol e o futsal do Algarve."

O presidente da Câmara Municipal de Vila Real Santo António, regozijou-se por "um evento de tamanho significado realizar-se no nosso concelho, ainda mais com a oportunidade de prestarmos o justo tributo a uma das figuras gradas do nosso desporto, que nasceu nesta terra. Oportunamente a autarquia desenvolverá esforços no sentido de lhe prestar a homenagem que esta cidade lhe deve", referiu, dirigindo-se a Manuel José.

Luís Gomes, em nome da Câmara de Vila Real de Santo António, entregou uma lembrança a Manuel José, não esquecendo, também, a notável campanha do Lusitano de Vila Real de Santo António, de regresso aos campeonatos nacionais, após a conquista do título da 1.ª Divisão da AF Algarve, com o presi-

dente do clube, Miguel Vairinhos, a subir ao palco para receber uma prenda da autarquia, destinada a assinalar a conquista do clube.

Nota, ainda, para a entrega de diplomas e medalhas aos novos Sócios Honorários da AF Algarve, Artur Gonçalves, Daniel do Adro, Duarte Murta e Vítor Faria. Impossibilitados de estarem presentes, Eduardo Tenazinha, José Guerreiro Cavaco e Viegas Ramos serão distinguidos oportunamente.



AF ALGARVE DISTINGUIU TREINADOR ALGARVIO COM MAIOR CURRÍCULO

Manuel José encantado com homenagem prestada



O mais titulado treinador do futebol algarvio e uma das maior figuras do desporto da nossa região, Manuel José, foi o convidado de honra da 4.ª edição da Festa do Futebol, que decorreu em Monte Gordo, numa iniciativa promovida pela AF Algarve, com a estreita colaboração da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António e dos Casinos Solverde.

O notável currículo de Manuel José, que já conquistou 22 troféus ao longo da sua carreira, oito dos quais continentais, teve o justo e merecido reconhecimento precisamente no concelho onde o técnico nasceu, há 66 anos. No Lusitano de Vila Real de Santo António despontou para uma carreira como médio que incluiu passagens por Benfica, Farense, Varzim, Belenenses, União de Tomar, Beira-Mar e Espinho. Neste último emblema iniciaria o percurso de treinador – da cidade da Costa Verde sairia para a Vitória de Guimarães, seguindo-se Portimonense (primeiro apuramento de uma equipa algarvia para a Taça UEFA), Sporting, Braga, de novo Espinho, Boavista, Marítimo, Benfica, União de Leiria, Al.Ahly, do Egipto, em três ciclos distintos, Belenenses, selecção de Angola, Al Ittihad, da Arábia Saudita, e actualmente Persepolis, do Irão.

"Apesar de esta homenagem estar preparada a algum tempo, foi uma grande surpresa para mim. Pensei que não teria tempo para estar aqui. Estou muito feliz por esta iniciativa e por estar no concelho onde nasci", referiu o técnico vila-realense, visivelmente satisfeito por se encontrar entre os seus: na sua terra e no seio da família do futebol da sua região.

A homenagem da Associação de Futebol do Algarve deixou Manuel José emocionado. "É um prémio que só recebem os velhos e, por isso, faz-me lembrar que já estou a ficar velhote... Mas ainda cheio de energia e com vontade de trabalhar mais algum tempo." A selecção nacional, sonho que alimentou durante largo tempo, está fora dos horizontes. "Posso vir a voltar a treinar uma selecção, mas não a portuguesa. O meu nome já foi riscado três vezes, porque sou frontal e incorrupto. Não penso mudar a minha forma de ser e, por isso, não vejo grandes possibilidades de vir, um dia, a assumir o cargo", assinalou.

Depois de distinguido pelo presidente da Associação de Futebol do Algarve, Alves Caetano, que fez questão de chamar para o palco o vice José Manuel Prata, amigo de longa data do treinador (e com papel relevante em todo o processo que se traduziu na presença do treinador na festa, assim como Arménio Gonçalves e Neto Gomes), Manuel José dirigiu-se a todos os que marcaram presença na cerimónia com palavras significativas: "Homens grandes não são os que fazem os pequenos sentirem-se grandes, são os que fazem os grandes sentirem-se pequenos", disse, mostrando-se verdadeiramente encantado pelo (justificado) carinho que sentiu da parte da família do futebol algarvio.



TRABALHO À FRENTE DO FERREIRAS RECONHECIDO

António Colaço distinguido como Dirigente do Ano

O longo percurso de António Colaço como presidente do Ferreiras e a consolidação do clube a nível regional, com excelentes resultados alcançados ao longo das últimas épocas, levaram a que fosse distinguido como Dirigente do Ano, na Festa do Futebol, realizada em Monte Gordo.

Na votação aberta entre os dirigentes dos clubes algarvio, António Colaço recolheu a preferência, curiosamente numa época em que as principais equipas do clube ficaram a um pequeno passo de festejar sucessos: os seniores ficaram no segundo lugar na 1.ª Divisão da AF Algarve e foram finalistas da Taça do Algarve e os juniores perderam na última jornada a possibilidade de ascenderem aos escalões nacionais.

“É gratificante ver um trabalho de décadas reconhecido; traduz um prémio para o clube, que procura manter-se fiel aos seus princípios, proporcionando uma saudável prática desportiva aos jovens da terra, sem descurar, naturalmente, a vertente competitiva”, referiu António Colaço, após a cerimónia que decorreu no Casino de Monte Gordo.

Já com uma passagem pela 3.ª Divisão nacional, o Ferreiras tem apostado no crescimento dos seus equipamentos e, sob o impulso de António Colaço, com o apoio de um apreciável leque de dirigentes e da Câmara Municipal de Albufeira e da Junta de Freguesia das Ferreiras, o parque desportivo da Nora sofreu melhoramentos de vulto e apresenta-se hoje como um dos melhores do Algarve, dotado de um relvado natural, um campo de piso sintético e uma bancada que alberga nos seus baixos os serviços administrativos.

António Barão, que nos últimos anos, com um mérito que merece referência, tem devolvido ao Farense alguma da grandeza perdida (o clube está de volta à 2.ª Divisão nacional e aposta no regresso aos campeonatos profissionais) e Rui Correia, um dirigente com uma apreciável folha de serviços no futsal, sendo o principal artífice do crescimento e afirmação do Sonâmbulos, um dos emblemas algarvios com mais tradições na modalidade, foram os outros nomeados para o prémio de Dirigente do Ano.

Saliente-se a significativa participação dos clubes algarvios no processo de votação – o mais concorrido de sempre –, num sinal claro do interesse e do significado deste prémio, um dos mais desejados de entre todos os que são atribuídos na Festa do Futebol.



DIRIGENTE DO ANO

2012

ANTÓNIO COLAÇO (Ferreiras)

Outros nomeados: António Barão (Farense)
e Rui Correia (Sonâmbulos)

2011

JOSÉ JOÃO GUERREIRO (Quarteirense)

Outros nomeados: António Colaço (Ferreiras)
e Rui Correia (Sonâmbulos)

2010

FERNANDO ROCHA (Portimonense)

Outros nomeados: António Barão (Farense)
e Nemésio Martins (Moncarapachense)

2009

ISIDORO SOUSA (Olhanense)

Outros nomeados: Artur Rêgo (Esperança de Lagos)
e António do Adro (Louletano)

OS MAIS VOTADOS ENTRE OS SEUS PARES

Ivo e Franco conquistam prémio de Treinador do Ano



A brilhante campanha do Lusitano Futebol Clube, de Vila Real de Santo António, que venceu com autoridade o campeonato da 1.ª Divisão da Associação de Futebol do Algarve, foi determinante na escolha do Treinador do Ano em futebol, prémio entregue a Ivo Soares, o mais votado entre os seus pares.

O técnico, com sobejas provas de competência, em particular na longa passagem pelo Campinense, atingiu de forma brilhante os objectivos propostos, num quadro de austeridade, pois o clube viu-se na necessidade – por falta de apoios – de reduzir os subsídios aos atletas a meio da campanha. Ivo Soares superou Manuel Balela, o qual conduziu o Farense no regresso à 2.ª Divisão nacional (liderando a equipa que mais tempo permaneceu invencível na época passada), e Ricardo Moreira, responsável pela agradável campanha do Ferreiras, vice-campeão do Algarve e finalista da Taça do Algarve.

Nota para a (feliz) circunstância de Ivo Soares ter recebido o prémio de Treinador do Ano em Monte Gordo, no concelho de Vila Real de Santo António, ali bem perto do Campo Francisco Gomes Socorro, palco maior de uma história quase centenária (e marcada por vários momentos brilhantes) do Lusitano e onde a equipa raiana garantiu boa parte dos pontos que a conduziram ao sucesso.

No futsal, Nuno Franco, técnico do Pedra Mourinha, recolheu uma votação muito significativa de entre os seus pares e conquistou, de forma clara, o prémio destinado ao Treinador do Ano naquela modalidade. Num clube de bairro, com elogiável trabalho desenvolvido na formação (traduzido em vários sucessos nos escalões etários mais baixos), Franco aproveitou os recursos de muitos jovens talentos para construir uma equipa que acabaria por conquistar o título da 1.ª Divisão da Associação de Futebol do Algarve, feito que seguramente estaria na previsão de poucos, no começo da temporada.

Patrícia Pereira, que tem realizado excelente trabalho no futsal feminino dos Machados, construindo equipas de boa qualidade, e Luís Matias, com um registo de competência e de qualidade nos clubes que tem servido, foram os outros nomeados para o prémio de Treinador do Ano em futsal.

TREINADOR DO ANO

FUTEBOL

2012

IVO SOARES (Lusitano VRSA)

Outros nomeados:

Manuel Balela (Farense)

Ricardo Moreira (Ferreiras)

2011

MARITO (Quarteirense)

Outros nomeados:

Paulo Nunes (Esp. Lagos)

Calu (Silves)

2010

LUÍS COELHO (Lagoa)

Outros nomeados:

Luís Dorez (Messinense)

Paulo Renato (Louletano)

2009

PAULO NUNES (Esp. Lagos)

Outros nomeados:

Geraldo Carmo (Cularense)

Arménio Guerreiro (Almancilense)

FUTSAL

NUNO FRANCO (Pedra Mourinha)

Outros nomeados:

Patrícia Pereira (Machados)

Luís Matias (Montenegro)

ROSA COUTINHO (Albufeira Futsal)

Outros nomeados:

Nuno Xabregas (Sonámbulos)

Luís Conceição (Inter-Vivos)

TOMÁS VIEGAS (Santo Estêvão)

Outros nomeados:

Paulo Cavaco (Louletano)

Nuno Xabregas (Universidade)

LUÍS CONCEIÇÃO (Inter-Vivos)

Outros nomeados:

Paulo Cavaco (Louletano)

Rosa Coutinho (Fontainhas)

JOANA GOUVEIA E EDINHO JÚNIOR TAMBÉM DISTINGUIDOS

Edgar Rosa e Néelson Carmo foram os Jogadores do Ano

Festa em casa para Edgar Rosa, distinguido como Jogador do Ano em futebol, no reconhecimento da sua influência na magnífica campanha do Lusitano Futebol Clube, de Vila Real de Santo António, campeão da 1.ª Divisão da AF Algarve e promovido à 3.ª Divisão nacional.

O percurso dos raianos levou a que entre os três nomeados (por votação dos treinadores dos clubes algarvios dos escalões não profissionais) estivessem dois jogadores do Lusitano, Edgar Rosa, que viria a conquistar o prémio, e ainda Luís Firmino, outro futebolista de excelente qualidade do conjunto da Cidade Pombalina, com a "intromissão" de Roberto, a rubricar excelente temporada no Esperança de Lagos, o que lhe valeu um contrato com o Portimonense.

No futsal, Néelson Carmo "Pipi", do Albufeira Futsal, a principal força algarvia da modalidade, foi o jogador que recebeu maior número de votos por parte dos treinadores dos nossos clubes, batendo Miguel Escudeiro, figura de referência do Pedra

Mourinha, campeão do Algarve, e José Clemente, unidade em destaque na campanha do Atalaia.

A pequena mas talentosa Joana Gouveia, jogadora de referência do Padernense, a principal força do futsal feminino algarvio, foi a distinguida neste sector, superando, em número de votos, a sua companheira de equipa Maria João e a jovem Beatriz Silveira, do Gejupce, um dos mais recentes talentos da modalidade que despontou na nossa região.

No futebol juvenil, e por indicação do Gabinete Técnico da Associação de Futebol do Algarve, subiu ao palco Edinho Júnior, avançado do Olhanense que se mostrou determinante na subida do clube à 1.ª Divisão nacional de juniores. As suas qualidades levaram a que se mudasse recentemente para os ingleses do Blackburn Rovers. Ivan Horta, do Lusitano, e Pedro Simões, do Odeáxere, dois talentos a quem se augura um largo futuro, foram os outros nomeados para o prémio de Jogador Jovem do Ano.



JOGADOR DO ANO

FUTEBOL

2012

EDGAR ROSA (Lusitano VRSA)

Outros nomeados:

Roberto (Esp. Lagos)

Luís Firmino (Lusitano VRSA)

2011

MAROCAS (Esp. Lagos)

Outros nomeados:

Ricardo Pereira (Ferreiras)

Trindade (Quarteirense)

2010

ALVARINHO (Farense)

Outros nomeados:

Marco Benje (Messinense)

Ivo Gonçalves (Lagoa)

2009

CARVALHO (Quarteira)

Outros nomeados:

Filipe Borges (Esp. Lagos)

Mica (Ferreiras)

FUTSAL

NÉLSON CARMO (Albufeira Futsal)

Outros nomeados:

Miguel Escudeiro (Pedra Mourinha)

José Clemente (Atalaia)

MATEUS (Albufeira Futsal)

Outros nomeados:

Luís Maio (Louletano)

Pedro Ricardo (Sapalense)

MICHAEL SOARES (Louletano)

Outros nomeados:

Neves (Santo Estêvão)

Rafa (Albufeira Futsal)

PEPINHO (Fontainhas)

Outros nomeados:

Bruno Santos (Universidade)

Pedro Martins (Louletano)

FUTEBOL JOVEM

EDINHO JÚNIOR (Olhanense)

Outros nomeados:

Ivan Horta (Lusitano VRSA)

Pedro Simões (Odeáxere)

RICARDO DUARTE (Louletano)

Outros nomeados:

Micael Silva (Silves)

André Rodrigues (Intern. Almancil)

JOÃO REIS (Louletano)

Outros nomeados:

Fernando Nóbrega (Odeáxere)

Trindade (Quarteirense)

GERSON FIDALGO (Louletano)

Outros nomeados:

Rafael Seromenho (Lusitano VRSA)

Pedro Raposo (Portimonense)

FUTSAL FEMININO

JOANA GOUVEIA (Padernense)

Outras nomeadas:

Beatriz Silveira (Gejupce)

Maria João (Padernense)

VANDA DIAS (Machados)

Outras nomeadas:

Adriana Dias (CHE Lagoense)

Carolina Damasceno (Padernense)

CAROLINA DAMASCENO (Padernense)

Outras nomeadas:

Daniela (Padernense)

Catarina Monteiro (S. Pedro)

HUMBERTO VIEGAS E JOSÉ ALBINO DISTINGUIDOS PELA AF ALGARVE

Bruno Brás e Emanuel Camilo os melhores na arbitragem

Bruno Brás (futebol) e Emanuel Camilo (futsal) subiram ao palco do Casino de Monte Gordo para receberem as distinções relativas ao Árbitro do Ano, depois de terem terminado a época 2011/12 no primeiro lugar a nível distrital, o critério utilizado para a atribuição deste prémio.

Nas provas de acesso aos nacionais Bruno Brás acabaria por não ter o sucesso esperado, não conseguindo superar os testes físicos, mas, ao invés, Pedro Sancho, o segundo classificado a

nível regional, teve notas muito meritórias e garantiu a ascensão à terceira categoria nacional; no futsal, Emanuel Camilo conseguiu, igualmente, assegurar a subida.

A Festa do Futebol, e no que à arbitragem diz respeito, ficou assinalada por duas homenagens de grande significado, a Humberto Viegas e a José Albino, figuras com relevantes serviços prestados à causa.

Humberto Viegas é, actualmente, o único algarvio que faz



parte dos corpos sociais da Federação Portuguesa de Futebol, exercendo funções no Conselho de Arbitragem, fruto da competência e das qualidades reconhecidas por todos quantos estão ligados ao sector; a Associação de Futebol do Algarve fez questão, assim, de assinalar um percurso marcante de um dirigente com uma imagem que orgulha a região: respeitado e credível.

Em relação a José Albino, o limite de idade levou-o a concluir uma longa carreira como árbitro, na qual sempre representou condignamente o Algarve, mostrando saber e carácter, tudo apontando que a despedida dos campos de futebol não significará o fim de uma caminhada ligada ao sector, pois a experiência acumulada poderá ser rentabilizada num diversificado leque de funções.



ÁRBITRO DO ANO

Futebol
2012

BRUNO BRÁS

Futsal

EMANUEL CAMILO

2011

CARLOS CABRAL

NUNO GUERREIRO

2010

SÉRGIO PISCARRETA

IVO LUZ

2009

NUNO GUERREIRO

PEDRO CRUZ



PRÉMIO PARA UM CLUBE QUE SE DEDICA EXCLUSIVAMENTE AO FUTEBOL JOVEM

Iniciados do FC S. Luís são a equipa do ano

Os iniciados do Futebol Clube de S. Luís foram distinguidos na Festa do Futebol como a Equipa Jovem do Ano, numa escolha do Gabinete Técnico da Associação de Futebol do Algarve, atendendo à dimensão do feito que representou a conquista do título da 1.ª Divisão da AF Algarve e a consequente promoção ao campeonato nacional.

Clube dedicado exclusivamente ao futebol juvenil, e com uma longa folha de serviços prestados ao desporto algarvio, por ali passaram muitos miúdos que se fizeram homens – e essa será a maior conquista dos seus dirigentes –, alguns dos quais com reconhecido talento para a prática do futebol e que depois fizeram carreira em clubes da região e, também, fora das fronteiras do Algarve.

Numa competição com opositores aprioristicamente de maior

poderio (Farense, Portimonense e Quarteirense, por exemplo), os pequenos jogadores do FC S. Luís deram uma lição de capacidade e de organização, mostrando argumentos que acabaram por se traduzir numa clara superioridade na tabela classificativa, sendo o feito sublinhado, de forma meritória, na Festa do Futebol.

O sucesso da equipa de iniciados do FC S. Luís é ainda mais relevante atendendo à conhecida escassez de espaços para treinos na cidade de Faro, factor impeditivo da realização de um trabalho mais profícuo, pois foram raras as oportunidades que se depararam ao grupo para trabalhar no campo inteiro. Limitação superada pela valia dos atletas e o empenho dos treinadores, num êxito que, passadas mais de duas décadas, devolve o FC S. Luís ao mapa das competições nacionais.

COMPRAR OU VENDER CASA CASAS PARA FÉRIAS



 **Garvetur®**

MEDIAÇÃO IMOBILIÁRIA E ALOJAMENTOS

DESDE 1983

Casas para Venda

- 1ª e 2ª habitação, terrenos e investimentos
- Acompanhamento durante todo o processo de venda
- Assessoria fiscal e jurídica
- Mais de 10 000 imóveis para venda em todo o país

Contactos:

T. 289 322 488

vendas@garvetur.pt

- www.garvetur.pt -

Casas para Férias

- Apartamentos e moradias
- As melhores localizações:
Algarve, Alentejo, Lisboa, Costa de Prata e Norte de Portugal
- Óptimas condições em serviços:
Rent-a-car, Restaurante e actividades de lazer

Contactos:

T. 289 381 551/0

reservas@garvetur.pt

- www.garvetur.pt -

Lagos e Benfica volta a brilhar na formação

O Sport Lagos e Benfica continua a escrever páginas brilhantes no futsal jovem e, depois de quatro títulos consecutivos no escalão de escolas, foi agora a vez de a equipa de infantis se sagrar campeã do Algarve.

“Muitos dos atletas que festejaram esta última conquista já haviam celebrado conquistas em escolas, com o clube a dar continuidade a um trabalho muito meritório”, assinala Manuel Silva e Costa, responsável pelo futsal do emblema lacobrigense.

O trabalho de jogadores, equipa técnica e seccionistas “merece o nosso aplauso, pela atitude revelada ao longo da época, marcada por um trabalho profícuo, no qual também colaboraram os pais dos nossos pequenos atletas, sempre presentes nos treinos e nos jogos e com uma participação elogiável em diversas iniciativas que levámos a cabo, de forma a suprimos um quadro marcado por dificuldades, face à escassez de recursos.” Manuel Silva e Costa dá ainda conta do reconhecimento do clube “a diversos empresários que connosco colaboraram, mostrando, em plena crise, uma atitude que importa realçar”, e deixa “uma palavra à Câmara de Lagos, que passa por conhecidos problemas financeiros mas tem entendido o relevante papel social e desportivo da nossa actividade.”

O dirigente do Lagos e Benfica elogia ainda os desempenhos das equipas de benjamins e de iniciados, ambas quartas classificadas nos seus campeonatos. “Foram prestações muito positivas, marcadas por um comportamento desportivo e fora dos pavilhões que dignificou este emblema.”

Na próxima temporada, o Sport Lagos e Benfica vai inscrever o mesmo número de equipas. “Não dispomos de recursos para mais, infelizmente. Mas temos vindo a desenvolver esforços no sentido de que outro clube da cidade possa criar uma equipa de juvenis masculinos, de forma a ser dada continuidade ao traba-



lho realizado com estes jovens. Eles merecem, pelo que têm feito... Ao longo dos últimos anos despontaram em Lagos miúdos de grande qualidade, que justificam um acompanhamento muito próximo, pois seguramente entre eles estão muitos talentos que poderão brilhar nos pavilhões num futuro não muito distante.”





Brilhante desempenho da nossa equipa de Sub-14

A época das selecções algarvias ficou marcada pelo soberbo desempenho dos nossos Sub-14 (futebol), que cumpriram onze jogos sem conhecerem o sabor amargo da derrota no tempo normal de jogo, com o nono lugar no Torneio Lopes da Silva, disputado nos Açores, a saber a pouco, devido a alguns empates penalizadores.

Os Sub-14 começaram por ganhar o Torneio da Vidigueira (triunfos diante de Setúbal, por 2-1, e Portalegre, 2-0), seguindo-se novos sucessos no Torneio Olhão Cidade da Restauração (vitórias por 1-0 contra Beja e Portalegre) e no Torneio António Rosa, nos Machados (5-0 contra o 1.º de Janeiro e 2-1 perante o Farense). No Lopes da Silva, o seleccionado algarvio empatou com Viseu, Madeira e Évora (0-0) e Santarém (1-1) e bateu Vila Real (1-0).

A selecção do Algarve de Sub-13 também ganhou uma prova, no caso o Torneio Jovens Promessas de Albufeira, superando o Imortal, a selecção de Beja e o Louletano, mas já no Torneio de Ourique o desempenho não foi tão positivo, com um quarto lugar final, numa competição ganha pelo União de Santiago do Cacém. No futsal, esteve em actividade a selecção do Algarve de Sub-20, que competiu no Torneio Inter-Associações, em Évora, deixando boa imagem: vitória sobre Évora (6-3) e derrotas com Santarém (2-5) e Lisboa (2-3).

No sector feminino, a selecção do Algarve de Sub-17 participou no Inter-Associações de futebol de sete, no Estádio Nacional, alcançando o 13.º lugar, depois de defrontar Braga (0-0), Santarém (0-1), Évora (3-0) e Bragança (2-2).

Os Sub-18 realizaram alguns treinos de preparação, tendo em vista o Torneio das Regiões Turísticas do Atlântico, que, por acordo entre as associações participantes, e atendendo ao quadro de crise, viu a sua edição de 2012 cancelada.

Nota, ainda, para as Jornadas Técnicas de futsal, que contaram com a presença do seleccionador nacional, Jorge Brás, reunindo, em dois dias, um apreciável leque de técnicos, dirigentes e outros elementos ligados à modalidade, num evento que se traduziu num espaço de discussão e de aprendizagem sobre questões ligadas a uma modalidade que regista um apreciável crescimento e está cada vez mais enraizada entre nós.



Sílvia Domingos vive época excepcional

A árbitra algarvia Sílvia Domingos acaba de viver um ano de sonho: primeira classificada do quadro feminino na época 2010/11, voltou a repetir esse feito na campanha 2011/12 e, pelo meio, ascendeu a internacional e dirigiu a final da Taça de Portugal, no Estádio Nacional. Um percurso notável, que constitui um motivo de orgulho para a arbitragem algarvia.

“Posso dizer que foi uma época de ouro”, reconhece Sílvia Do-



mingos, que realça como factores fundamentais para o sucesso alcançado “a minha dedicação em prol deste amor e desta paixão que é a arbitragem. Trabalhei muito para atingir as metas alcançadas.”

Há pouco mais de um ano Sílvia foi quarta árbitra na final da Taça de Portugal mas agora, no embate entre o 1.º de Dezembro e o Clube Albergaria, coube-lhe a honra de dirigir a partida que decidiu o troféu. “Senti uma enorme felicidade, por pisar um palco a que todos desejam chegar e por sentir que se tratava de um voto de confiança no meu trabalho e de reconhecimento pelo meu empenhamento.”

Desde a nomeação até ao dia do jogo, “fui invadida por alguma ansiedade, confesso. Há uma mistura de nervoso miudinho e de uma adrenalina imensa quando se entra naquele estádio, ainda mais acentuada por se tratar da primeira final de futebol feminino transmitida em directo pela televisão, com os olhos de muitos portugueses postos no que ali se iria passar.”

Ainda assim, Sílvia não coloca a presença na final da Taça de Portugal como o ponto mais alto da sua carreira. “Esse ainda está para chegar!”, refere, numa clara demonstração de ambição. “Todos os momentos que vivo na arbitragem são gratificantes, pois estou a fazer aquilo de que mais gosto, que é dirigir jogos e dignificar uma classe infelizmente não muito bem vista nos olhos de uma larga faixa de adeptos do futebol. Sinto-me tão bem a pisar o relvado do Estádio Nacional como a apitar um jogo das camadas jovens, num pelado com poucas condições...”

A final do Jamor “representou a realização de um sonho e a concretização de um dos meus objectivos, como já tinha sucedido com a entrega das insígnias de internacional, pois tratava-se de algo a que aspirava chegar desde o início deste percurso, já lá vão dez anos. São momentos que perdurarão na minha memória e aos quais espero juntar outros, pois quero continuar a dar passos em frente.”

A ascensão sustentada de Sílvia Domingos resulta de “muita persistência e trabalho. Sem nunca me desfocar dos meus objecti-

vos, tive sempre a plena consciência de que era árduo e longo o caminho a percorrer. Como a minha forma de estar na vida, muita humildade e dedicação, sem pressas, fui construindo um percurso sólido, com os pés sempre bem assentes na terra. Tive a sorte de contar a meu lado com dois assistentes muito dedicados, José Rodrigues e Luís Reis, que sempre me apoiaram de uma forma inexcedível, e contei ainda com os preciosos ensinamentos de pessoas que ajudaram a corrigir lacunas e imperfeições, como Natálio Silva, Humberto Viegas, José Filipe, Andreino Pena e Manuel Montes.”

O sonho maior, agora, passa pela afirmação a nível internacional. “Pretendo chegar ao grupo de árbitras de elite e vou trabalhar para isso. Trata-se de um objectivo muito difícil de alcançar, mas não impossível. Continuarei a trabalhar com o mesmo afincado de sempre, na esperança de ser bem sucedida.”

A carreira de Sílvia Domingos serve de exemplo para muitos jovens árbitros algarvios. “O meu percurso é um motivo de orgulho para a família da arbitragem do Algarve. Se que, de alguma forma, constituo uma fonte de motivação para os mais novos e tenho sempre, para com todos, uma palavra de estímulo. Tal como eles, comecei cedo e alimentei sonhos, trabalhando depois para os concretizar, sem desanimar com um ou outro erro: são esses momentos difíceis que nos ajudam a crescer e a melhorar.



we print

Imprima... Uma nova imagem para o seu negócio!



60 anos
desde 1953



**gráfica
comercial**

ARNALDO MATOS FERREIRA, LDA.



Nuno Encarnação é licenciado em Ciências do Desporto pela Faculdade de Motricidade Humana (especialização em futebol, sob a orientação do Prof. Jorge Castelo) e treinador de futebol desde 1996 (UEFA Advanced).

O olhar de... Nuno Encarnação

Quando os modelos de financiamento se esgotam...

SOS são as iniciais lançadas pelos clubes com modalidades dependentes única e exclusivamente de subsídios, numa altura em que o tecido empresarial regional se encontra debilitado e as autarquias estancam a torneira dos gastos, deixando a maioria das estruturas desportivas à beira do colapso financeiro e/ou do fecho de portas. Torna-se imperioso alterar o paradigma do financiamento: iniciativa, criatividade e engenharia financeira precisam-se! - O formato que durante anos foi a bitola que permitiu aos clubes sobreviverem encontra-se estagnado e obsoleto.

Deixo-vos aqui algumas preocupações como técnico desportivo, pois é do futuro do futebol de formação que se fala.

Para que os clubes se possam libertar da agonia que todas as épocas enfrentam, devido à falta de recursos financeiros que dificultam a planificação e o cumprimento de objectivos propostos, devem começar por trazer para as suas estruturas especialistas em gestão e marketing desportivo que produzam e assegurem o seu posto de trabalho e consigam, através da necessária engenharia financeira, adaptar-se à realidade e contexto regional e local. Estes devem ser capazes de desenvolver sinergias entre consumidores (praticantes, sócios, adeptos, pais) e tecido empresarial no sentido de catapultar o futebol de formação para outro patamar. Se queremos melhorar a qualidade da nossa formação torna-se necessário investir em dirigentes e equipas técnicas de qualidade e, para isso, é necessário dinheiro! O voluntariado não pode continuar a ser igual ao que se fazia há duas décadas atrás, porque o contexto mudou. Não se pode pedir excelência na performance desportiva sem nos munirmos de especialistas nas diversas áreas da qual o futebol é consumidor (em gestão, metodologia do treino, fisioterapia, psicologia, nutrição, etc). Insistir no trabalho que temos vindo a fazer, baseado quase sempre na carolice de alguns, é estarmos sempre dependentes do casuístico, com as expectativas a saírem quase sempre goradas ano após ano. As dificuldades serão sempre as mesmas e as frustrações aumentarão à medida que os anos passam, pois os resultados estarão comprometidos desde a sua base. É necessário alterar esta situação em que nos encontramos com sagacidade, audácia e sentido crítico, trazendo para os clubes, e em particular para o futebol, os mais capazes. Os departamentos de formação poderão ser "transformados" em pequenos laboratórios experimentais autónomos e independentes para que possam aí nascer ideias, que revolucionem todo o sistema de financiamento dos clubes. Dependendo dos resultados obtidos, poderemos alastrar o modelo ao futebol sénior. Neste sentido devemos pensar que, se tivermos uma gestão credível, séria e

independente iremos conseguir ter um produto de qualidade superior, pois é disso que se trata.

Cada vez mais o amadorismo tem os dias contados e os clubes terão no futuro de abraçar uma estrutura profissional especializada para conseguir fazer face às exigências da fasquia que nos propomos alcançar. O associativismo na sua forma pura chegou ao fim: não se pode exigir aos técnicos que trabalhem voluntariamente e produzam como se fossem profissionais. Os clubes cada vez mais são entidades prestadoras de serviços onde é necessário servir bem o "cliente" (atleta, adepto, sócio), proporcionando satisfação e bem-estar não só através de resultados desportivos mas também na oferta de condições desportivas.

Outro vértice desta questão são os pais, que têm na sua maioria andado arredados da formação desportiva dos seus filhos e que agora começam a estar mais atentos. Também aqui se torna necessário intervir, pois eles serão de grande importância no apoio às estruturas na vertente sócio-financeira: a questão do utilizador-pagador não é de descurar pois se os pais pagarem pela formação dos seus filhos deverão ser exigentes com o serviço que é prestado. (Nesta variante falaremos em pormenor numa próxima oportunidade).

Para terminar, não devemos descurar nunca a questão social e a igualdade de oportunidades. É aqui que entram as Fundações, sejam elas de âmbito estatal ou privado, cuja participação será fundamental neste processo. Se continuarmos a trilhar o mesmo caminho, a estagnação será inevitável, é tempo de pensar em algo diferente para bem do futuro do futebol de formação.



No início de uma nova época

Sente-se já o cheiro agridoce que só o autêntico futebol pode e sabe proporcionar, no breve arranque oficial de mais uma nova época, seja-o através da preparação das equipas, dos jogos particulares, dos torneios estivais, a que “nuestros hermanos” cha-



mam “veraniegos”, com natural, justo e meritório destaque para o “Guadiana”, este ano jogado no Estádio Algarve, e ao qual o querer e a pertinácia do antigo guarda-redes vilarrealense João Peres, contra ventos e marés, vai dando continuidade. Faz falta e faz-nos animicamente falta o futebol competi-

vo. Nem a continuada série de transmissões televisivas que o Euro’2012, jogado na Polónia e na Ucrânia, proporcionou, afogaram este apetite de todo o universo que o desporto-rei comporta e suscita.

Aqui pelo Algarve também a “redondinha” já rola em muitos locais e surge toda uma visão, quase sempre completamente nova, para o que vai ser a época 2012/13, quer no que respeita às equipas que participam nas competições profissionais, quer nas que estarão envolvidas nas provas federativas, ou de âmbito regional, masculinos e femininos e em todos os escalões e variantes, sem esquecer essa realidade agigantadora que é, cada vez mais, o futsal.

Queremos desde já saudar o esforço dedicado e empolgante de tantos entusiastas dirigentes focados no chamado futebol de formação, em muitos casos sem qualquer tipo de mediatismo, mas sempre com essa mentalidade louvável de fomentar a verdadeira e autêntica prática desportiva, aplicando na verdadeira acepção da palavra o velho ditado “de pequeno se torce o pepino.”

Pela escada etária e ascendente surgem todos os escalões seguintes, sem quebras ou desfalecimentos e fazendo surgir os que amanhã poderão vir a ser os mais famosos entre os famosos.

No que respeita a esta época, que alguns e bem já designaram, pelos novos figurinos que se perspectivam no seio federativo, “de transição”, por via das alterações aos calendários e composição das competições, formulamos que, antes de mais, ela decore inteira e plenamente sob o signo instituído pela UEFA para o recente Europeu – “Respect”, que o mesmo é dizer respeito fraterno e pleno para com os adversários, que nunca são inimigos a abater mas sim companheiros admiráveis dessa acção humana de tão belo cariz, na sua pureza, que é o futebol.

Desejamos os melhores votos de êxitos às nossas formações e que os seus objectivos sejam plenamente alcançados. Oxalá o Olhanense, símbolo maior do futebol algarvio, prossiga com pleno mérito na 1.ª Liga, a 1.ª Divisão de sempre, com o horizonte, arco-íris de esperança, de alcançar a participação nas competições europeias.

Um voto de bom desempenho extensivo ao Portimonense, o representante algarvio na Liga de Honra, e ao trio que dará voz ao Algarve na 2.ª Divisão, formado por Louletano, Farense e Quarteirense, com vários duelos de rivalidade regional em perspectiva, nos quais se espera que o mérito seja factor prevalectente, num clima de cordialidade e do já abordado “respect”.

Outro tanto escreveremos em relação à 3.ª Divisão, com o retorno da Cidade do Iluminismo, através do “histórico” Lusitano (que já militou na divisão maior), que disputará um campeonato no qual pontificam os também algarvios Esperança de Lagos e Lagoa, uma vez que, por dificuldades financeiras, o Messinense decidiu abdicar do futebol sénior, num passo atrás que servirá de embalo para dois passos em frente, dadas as tradições da modalidade na terra de João de Deus.

Uma última palavra para o futsal, para os escalões de formação, para o sector feminino, enfim, para todos os que fazem parte desta grande família do futebol e do futsal do Algarve: uma boa época 2012/13, sempre vivida sob o desejado e desejável signo do “Respect”!

Na saudosa lembrança de Paulo “Pataca”

Era “um poço de energia e de determinação”. O empenho, a genica e a garra eram com ele. Vimo-lo em plena actuação futebolística nesse álbum de recordações vivas que é a memória do desaparecido Estádio Padinha, onde tantas tardes de glória viveram o Sporting Olhanense e o futebol algarvio.

Chamava-se João Paulo mas para toda a então “Vila de Olhão da Restauração” e para toda a gente do futebol era sempre o “Pataco”, nome que lhe veio com a genética oriunda de uma das mais conhecidas, honradas e apreciadas famílias de matriz olhanense. Naquela terra, capital do futebol regional, nasceu para a vida e para o futebol. Neste caso foi-o nessa “academia”, como agora se diz e escreve, que, nos anos 50 do século passado, no Campo da Feira, onde o sempre lembrado “Mestre Cassiano” pontificava e fez surgir para a alta roda do desporto-rei nomes grandes ainda hoje merecidamente recordados.

Paulo “Pataco” apareceu numa das edições desses torneios populares, envergando a camisola de um dos mais conhecidos e valiosos clubes de Olhão, o Unidos, de que era grande rival o não menos cotado Arsenal, a par de outros émulo – Estrela, União, Culatrense, Vasco da Gama, Torino, Sport Lisboa, etc.

Do campo do Largo da Feira ao Estádio Padinha, para jogar oficialmente pelo seu clube de sempre, o “centenário” Sporting Clube Olhanense, foi um salto. E a vez primeira em que vestiu a camisola rubro-negra aconteceu em jogo a contar para o Campeonato Regional do Algarve, frente ao sempre rival de então, o Sporting Clube Farense, que terminou com um empate a um golo, sendo o dos locais apontado pelo extremo direito Arménio e alinhando o onze de Olhão com: Abraão; Tavares, Grazina e Eusébio; José Fernando e Fonte Santa; Arménio, Januário, Venício, Paulo “Pataco” e Fernando.

Teve uma carreira curta este valor do futebol algarvio, já que se não deslumbrou com os encantos vividos nas quatro linhas, preferindo uma estável vida profissional, primeiro como empregado de escritório e depois como funcionário bancário no Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, de que foi muitos anos gerente

na agência de Portimão e de que se encontrava aposentado. Era avô do famoso internacional português e hoje um dos mais cotados jogadores portugueses, João Moutinho, a actuar no Futebol Clube do Porto, após épocas de êxito no Sporting Clube de Portugal.

À família enlutada e ao Sporting Olhanense e a Olhão as mais sentidas condolências. Para nós a lembrança de um grande do futebol algarvio que Deus chamou a si!



João Moutinho é neto do falecido Paulo “Pataco”

B
BELTRÃO
COELHO
(ALGARVE)

- Multifuncionais / Impressoras / Fax's
- Equipamentos Interactivos
- Audiovisuais
- POS

Urbanização de S. Luis, lote B1, loja 1 - 8005-333 FARO
Tel. 289 890 930 | Fax. 289 890 939

A merecida homenagem ao “Senhor Futsal”

Dedicou toda a sua exemplar e cívica vida ao dirigismo desportivo, a que votou mais de 40 anos, desde o histórico Clube Operário de Futebol (filiado na Associação de Futebol de Lisboa e que, em tempos idos, foi um acérrimo adversário dos mais destacados clubes algarvios) à direcção da Associação de Futebol de Lisboa, até à vice-presidência da Federação Portuguesa de Futebol, em cujo desempenho de funções a última tarefa foi a chefia da comitiva de Portugal que se qualificou para o Campeonato da Europa de Futsal, recentemente disputado.

Chamava-se Vítor Peralta, contava 69 anos de idade e faleceu a

15 de Fevereiro. No fim-de-semana seguinte foi simbólica e significativamente guardado um minuto de silêncio em memória do “Senhor Futsal”, termo derivado do interesse que sempre sentiu e assumiu perante esta variante futebolística, que é hoje a segunda modalidade praticada no país.

Dele disse o Dr. Gilberto Madaíl (ex-presidente da Federação Portuguesa de Futebol): “Guardo a imagem de uma excelente pessoa, sincera e muito leal. Tinha uma imensa paixão pelo futsal e a ele se deve parte do crescimento que a modalidade conheceu nos últimos anos. O desporto perde um homem de grande carácter.”

Futebol e livros novos

Numa edição da “Lua de Papel” foi publicado o livro “101 Cromos da Bola”, da autoria do conhecido jornalista Rui Miguel Tovar (editor de desporto do jornal i), com ilustrações de Carlos Monteiro.

Ao longo das suas mais de 200 páginas, esta obra, que é um marco assinalado na literatura futebolística desta segunda dezena de anos do século XXI, narra, com estilo, oportunidade e humorismo e um realismo vivo, cento e um casos destacados e ocorridos entre nós, num misto de história, talento e ironia.

Entre outros, Rui Miguel Tovar assinala, neste seu livro “101 Cromos da Bola”, sempre recordadas histórias desde os anos 40 do século

passado até à primeira década deste século em que vivemos.

Dos mesmos referem-se “o brinco perdido pelo sempre lembrado Vítor Baptista”, durante um prélio disputado no Estádio da Luz; “a brancura imaculada” que era marca dos calções do também famoso dianteiro Nené (“pelo menos dava pouco trabalho à lavandaria da Luz”, segundo palavras daquele antigo internacional); a habilidade do algarvio e antigo presidente do Sporting Clube de Portugal, Sousa Cintra, desviando o jogador Amunike do Duisburgo para o emblema lisboeta, e muitos outros “cromos”, envolvendo jogadores, técnicos, dirigentes, árbitros e outros agentes desportivos.

Zé Filipe - uma saudade!

Alto, esguio, voluntarioso, o moço que foi nosso amigo desde sempre e prosseguindo uma amizade que era enorme entre os progenitores (que saudades do pai do Zé, o “tio Filipe dos Bigodes!”), companheiros no 1.º ano de funcionamento (1947/48) da Escola Técnica Elementar Serpa Pinto (da direcção do lembrado e grande pintor Jorge Valadas), o José Filipe de Jesus Santos deixou-nos aos 76 anos.

Foi nos anos 50 e 60 do século transacto um destacado avançado-centro do Sporting Farense (juniores e seniores), recordando-se o jogo da Taça de Portugal, contra o Sport Lisboa e Benfica, disputado a 1 de Março de 1956, e em que os algarvios perderam por quatro golos sem resposta.

Antes de abandonar o futebol vestiu ainda a camisola do desaparecido Desportivo de São Brás de Alportel, nos tempos da aguerrida rivalidade entre este clube e o também extinto Unidos.

“Moço” da rua do Alportel, onde sempre viveu, teve a sua “Academia” no Alto da Caganita (Largo Silva Porto, onde pontificava o recordado “Grilo”) e no Espaldão/Carreira de Tiro, e depois ingressou no clube do seu coração, o Sporting Farense, do qual se manteve sempre um indefectível adepto.

Funcionário exemplar, em toda a vida, dos CTT, como distribuidor postal (um daqueles carteiros à moda antiga, que todos conhecia e que de todos era amigo), esteve sempre ligado “às boas gentes do futebol” (casos do falecido presidente da Assembleia Geral da Associação de Futebol do Algarve, Aníbal da Cruz Guerreiro, e de seu filho, Aníbal de Sousa Guerreiro, um dos homens da subida do Farense à 1.ª Divisão). Faleceu no Hospital Particular de Santa Maria, em Faro, e o seu participação funeral, para o Cemitério da Esperança, na capital algarvia, constituiu uma sentida manifestação de pesar.

Adeus, Zé, até um dia!

Parabéns, árbitros algarvios!

Como todos os entusiastas do futebol, desde menino e moço que sou daqueles que aponto(ei) – “mea culpa” – o dedo aos árbitros e juizes de linha (somos contra essa invenção dos juizes de baliza, cuja prestabilidade efectiva ainda não des-cortinámos, bastando recordar o recente Inglaterra-Ucrânia e aquele golo invalidado com a bola dois palmos para além da linha...) mas rendi-me, e rendo-me sempre, aos inegáveis serviços prestados à modalidade, à sua dedicação e empenho em agir cada vez mais qualitativamente e dar um contributo da maior valia para a dignificação futebolística.

Na apreciação à época de 2011/12 a arbitragem algarvia, que na história da arbitragem portuguesa tem assinalada presença (cumpre aqui, com toda a justiça, lembrar entre outros, e tantos foram, figuras que fizeram história – Pinto Coelho, Vítor Garrochinho, José Rosa Nunes, César Correia, Manuel João Po-eira...), registou um comportamento altamente meritório.

Salta logo o nome dessa intrépida e corajosa juíza de campo, que é a Sílvia Domingos, primeira na classificação nacional do sector feminino, já com os galões de internacional, e que dirigiu com um acerto invejável a final da Taça de Portugal. Con-

fiantes que estamos no seu mérito, vai ultrapassar fronteiras, para honra e orgulho do futebol algarvio e português.

Nos homens, uma merecida referência ao Nuno Almeida, o conhecido causídico vilarrealense, 16.º na classificação da primeira categoria, fazendo parte do reduzido grupo sem mácula de maior, que o mesmo é dizer com zero faltas em erros graves.

Na segunda categoria uma palavra de apreço para Eugénio Arez, que se cotou na 31.ª posição, assim como na terceira categoria para Nuno Alvo (17.º), Carlos Cabral (60.º), Sérgio Piscarreta (73.º), Nuno Ferreira (94.º) e Ivo Santos (103.º), enquanto o veterano, dedicado e sabedor José Albino, a quem prestamos o preito da nossa homenagem, se quedou no 84.º lugar, abandonando a actividade de árbitro por haver atingido o limite de idade. Boa sorte na vida que continua, caro José Albino, e obrigado por tudo quanto fez ao serviço do Algarve e do futebol!

Promoções que se felicitam e que se deseja sejam prenúncios de novos êxitos, as subidas dos regionais aos nacionais de Pedro Sancho (futebol de onze) e de Emanuel Camilo (futsal), enquanto o assistente João Meira ficou aprovado para idêntica ascensão mas aguarda vaga. Uma palavra também para Bruno Brás, que foi o primeiro classificado a nível regional mas que reprovou no exame físico. A vida continua e o Bruno terá novas oportunidades.

De registar a continuidade da acção formativa desenvolvida pelo Conselho de Arbitragem da AF Algarve, que consubstanciamos nessa reconhecida dedicação que é António Coelho Matos!



João Leal

Jornalista, professor e ex-dirigente da AF Algarve

Ensinar a jogar futebol dos 6 aos 10 anos de idade: Uma tarefa “sensível” para o treinador



Carlos Humberto Almeida

Licenciado em Ciências do Desporto – menção Educação Física e Desporto Escolar (FMH-UTL)

Mestre em Treino do Jovem Atleta (FMH-UTL)

Treinador de Infantis e Coordenador Técnico de Futebol 7 no JD Monchiquense

Introdução

A iniciação na modalidade desportiva preferida, aquela em que se ocupa grande parte dos tempos livres a praticar com os amigos, é sempre um período marcante na formação do jovem atleta. Nos dias que hoje correm, este processo de iniciação é tudo menos tardio. No futebol, por exemplo, assistiu-se recentemente a uma reorganização dos escalões etários com o surgimento dos Traquinas (Sub-9) e dos Petizes (Sub-7). A resposta por parte de entidades desportivas, como clubes e escolas de futebol, não se fez esperar e a abertura de tais classes tornou a iniciação à prática formal de futebol mais precoce. É indiscutível: as crianças começam a treinar e a competir progressivamente mais cedo, adquirindo certas competências específicas e gerais em idades mais jovens. Quase escusado será referir que o treinador assume um papel relevante neste processo, constituindo, antes de mais, uma referência de inestimável valor aos olhos dos mais pequenos. Posto isto, o objetivo deste breve artigo é discutir o modus operandi do treinador no ensino do jogo a crianças entre os 6 e os 10 anos idades.

Treinador: o propiciador!

É muito comum o pensamento de que um treinador nestes escalões etários se deve limitar a ensinar/treinar habilidades técnicas

Profissionais ao seu dispor



www.visatempo.pt

Vilamoura

Tel. 289 300 920

Fax. 289 300 929

geral@visatempo.pt

Portimão

Tel. 282 415 340

Fax. 282 485 825

portimao@visatempo.pt





e breves aspetos táticos e a desenvolver capacidades coordenativas e condicionais. A meu ver, esta abordagem é redutora, pois as preocupações do treinador devem ir muito além do mero ensino do passe, da receção, da contenção, do apoio ou do drible do Zidane; o treinador deve, antes, propiciar condições para que as habilidades se manifestem. Por exemplo, num jogo reduzido de 3x3 (três contra três) com miúdos de 7 anos, é frequente observarmos o chamado “jogo nuvem”, isto é, a aglomeração das crianças ao redor da bola. O comportamento mais habitual do treinador é parar a situação de jogo, explicar que assim não conseguem jogar futebol e que se devem afastar (aclaramento). Discordo totalmente! É precisamente nestes contextos que o “artista do grupo” vai executar um ou dois dribles, passar pela equipa adversária e marcar golo. Portanto, o treinador estará a propiciar que o potencial do miúdo se manifeste e que as outras crianças percebam como alcançar o êxito, o que não impede que sejam transmitidas algumas “dicas” pontualmente.

Adequar o conteúdo à aptidão da criança

Outra questão fundamental é a adequabilidade do conteúdo a lecionar às aptidões das crianças. De acordo com a Teoria Cognitiva de Jean Piaget, entre os 7 e os 11 anos, o ser humano experiencia o estágio operatório concreto, sendo capaz de

lidar com conceitos, números e relações concretas, mas ainda não possui aptidão para efetuar raciocínios lógico-dedutivos. Daí que a explicação de “aclamar em relação à bola, porque assim se jogar melhor futebol” possa, de facto, não ser entendida. Neste sentido, o recurso a analogias concretas tende a ser mais eficaz. Por exemplo: a bola é o sol e os jogadores as nuvens; o que nós (treinadores) queremos é que não haja tantas nuvens à volta do sol para que ele (a bola) possa brilhar. Este tipo de “feedbacks” não deve, no entanto, sobrepor-se ao carácter propiciador do treinador; deve somente constituir um simples complemento.

Conclusão

O treinador é um elemento fulcral no processo de formação desportiva. No período entre os 6 e os 10 anos de idade, as crianças apresentam uma grande plasticidade para a aprendizagem, como se fossem autênticas esponjas (absorvem tudo); o treinador deve, todavia, ser suficientemente sensível para, por um lado, não castrar a manifestação do potencial do miúdo na sua relação com a bola e, por outro lado, compreender que existem particularidades no desenvolvimento humano que constroem a aquisição de competências do jogo. Por isso, o modo como o treinador propicia contextos de aprendizagem e os adequa às aptidões do praticante determina o êxito de uma tarefa altamente complexa: ensinar a jogar futebol.



Introdução

No presente número iremos dar seguimento aos artigos apresentados na edição anterior, dando continuidade ao relato histórico sobre o Futebol, um trabalho do doutor Jorge Araújo, que permite aos leitores aprofundar o seu conhecimento histórico sobre o nascimento e evolução da prática desportiva do Futebol.

O segundo artigo da responsabilidade do mestre José Guilherme, constitui a segunda parte do tema relacionado com a aprendizagem e o desenvolvimento motor no processo de formação dos jovens futebolistas. Este artigo de suma importância permite apresentar em termos de consistência científica, uma visão sobre a efectiva formação dos jovens, integrados num processo de prática desportiva e especialmente relacionado com o Futebol.

O ISMAT enquanto instituição de formação académica procurará dar sempre um contributo que possibilite a facilitação do entendimento e objectividade da prática desportiva associada à rentabilidade desportiva. Assim e como forma de dar um contributo mais próximo dos leitores iremos a partir do próximo número estar à disposição dos leitores, através dum endereço de email (a divulgar oportunamente) onde daremos possibilidade a todos os leitores de esclarecer algumas dúvidas que persistam sobre os artigos apresentados sob nossa responsabilidade e responder a questões que considerem pertinentes em relação ao futebol de uma forma geral e especialmente ao futebol da região.



Professor Doutor J. Martinez
Coordenador Ramo Treino Desportivo/ISMAT

Do jogo da bola às Ciências do Desporto

- uma visão histórica sobre a evolução do futebol -

PARTE IV

A evolução do significado social do desporto tem-se desenvolvido segundo uma orientação, à dimensão mundial:

- a tendência no sentido de uma crescente competitividade, seriedade no modo de envolvimento e orientação para os resultados, observada em todos os níveis de participação mas, principalmente, no desporto de alto nível.

Eric Dunning

Com os textos publicados nas revistas anteriores da «AFALGARVE», com início na n.º 66 (Nov/Dez.2011), procurou-se esboçar alguns itinerários gerais que estão na génese do processo de difusão do jogo da bola – o futebol – com origem em Inglaterra a partir do século XIX, levando-o à sua democratização na escala planetária.

Através dos relatos seleccionados referentes a episódios internos e além-fronteiras, em que se circunscreveram os contextos, os actores e se divulgaram outros tantos resultados, procurou-se, no sentido mais contemporâneo, dar o mote sobre os primeiros passos de uma caminhada que se vai fazendo e escrevendo todos os dias, várias vezes ao dia, visando compreender, para depois explicar, os fenómenos de que o futebol está impregnado, tendo como pano de fundo um quadro teórico a que o soció-



logo alemão Norbert Elias (1897-1990) chamou de «**processo civilizacional**».

E os processos civilizacionais, no entender daquele eminente académico, não são simples, lineares e progressivos, mas formações complexas, que são como ondas, com múltiplos níveis e que ocorrem no contexto dos indivíduos tanto quanto no das sociedades.

Deste modo, a internacionalização do futebol, enquanto processo dinâmico de longo prazo, certamente influenciado pelo exemplo dos Jogos Olímpicos Modernos, iniciados em Atenas em 6 de Abril de 1896 sob os auspícios do Comité Olímpico Internacional presidido pelo grego **Demetrius Vikelas** (1835-1908),

em oposição aos Jogos Olímpicos da Antiguidade (776 a.C.-392 d.C.), um festival religioso e atlético da Grécia Antiga em honra de Zeus, emergiu duma filosofia organizacional e política a partir do «**Football Association**», que foi originalmente uma invenção sociocultural britânica, impregnada de valores de que é exemplo o fair play, e que se aprofundou com a colaboração de todos quantos com ele simpatizaram e/ou a ele aderiram.

Daí que este processo geral, emergente no quadro de redes de interdependência, cresceu e desenvolveu-se, transformando-se numa grande tendência da sociedade rumo ao que hoje chamamos de «**aldeia global**» ou «**globalização**», tornando-se, assim, o futebol, propriedade comum de um vasto leque de nações. Por isso, o significado social do desporto, no qual se inclui o exemplo do futebol, e a orientação que este tem recebido desde os seus primórdios, têm-no transformado, por todo o mundo, de instituição marginal e pouco valorizada em instituição central e muito valorizada, uma instituição que para muitas pessoas parece ter um significado religioso ou quase religioso, na medida em que se tornou uma das principais, senão a principal, fonte de identificação, significado e gratificação das suas vidas.

Por outro lado, analisada esta problemática segundo a perspectiva das ciências sociais, **Eric Dunning**, aluno e colaborador de Norbert Elias, ocupando hoje a posição honorífica de Professor Emérito no Departamento de Sociologia da Universidade de Leicester, no norte de Inglaterra, acrescenta

que a orientação dada à evolução do futebol (e do desporto no geral) tem sido gradual e progressiva, provocando a inevitável erosão das atitudes, valores e estruturas «**amadoras**» e a sua correlativa substituição por atitudes, valores e estruturas que são «**profissionais**» em qualquer sentido do termo.

Contudo, o conflito relativo ao problema de o desporto ser orientado para o divertimento, de ser amador, em oposição à orientação dominada pela preocupação quanto à obtenção de resultados, em particular nas formas profissionais onde se inclui o futebol, não é apenas uma realidade do passado, mas transversal a todos os tempos e épocas.

Esta evidência, para além de ser inevitável e progressiva, em função dos valores e interesses individuais e/ou colectivos, o processo foi e continua a ser conflituoso, facto que constitui um exemplo do que Norbert Elias designa por ser um processo social «**cego**» ou «**não planeado**» de longa duração, nela cabendo factores específicos como sejam os conceitos de «industrialização», «crescimento económico», «alteração demográfica», «urbanização» e «orientações políticas», que se constituem em estrutura social total.

Isto é, ele (processo) não constitui o resultado de acções intencionais de qualquer indivíduo único ou grupo, segundo Eric Dunning, mas, antes, o resultado inesperado do entrelaçar de acções intencionais dos membros de vários grupos interdependentes, ao longo de muitas gerações.

Considerando que o jogo da bola, vulgo futebol, se caracteriza por ser uma prática desportiva colectiva, ele é organizado e controlado, bem como observado e praticado, enquanto configuração social. Quer isto dizer que esta prática colectiva assenta numa estrutura que um grupo de seres humanos forma entre si, no seio do qual se desenvolve um complexo global de polaridades interdependentes.

Neste sentido, o sucesso da consolidação do futebol, por um lado, e o seu crescimento, por outro, é atribuído à dinâmica criada em torno dos «**Grupos Desportivos**», escolares e não escolares, que conduziram à edificação de uma estrutura piramidal, ainda hoje em vigor: atletas > equipas > clubes > associações > federações.

No primeiro caso, convém recordar que o futebol moderno nasce no meio Universitário, no já longínquo ano de 1848, na Universidade de Cambridge, por via da elaboração das primeiras regras uniformizadas concebidas por um grupo de catorze estudantes em representação das mais importantes Universidades daquela época. Decorridos quinze anos, ou seja em 26 de Outubro de 1863, onze dirigentes providos das Universidades de Eton, Cambridge e Oxford, reunidos em Londres na Free Madison's Tavern, fundaram a «**Football Association**», codificando as principais regras a que a comu-





nidade futebolista mundial jamais deixou de aderir de forma tão significativa e entusiástica. Este acontecimento viria a ser considerado um marco histórico no contexto sociodesportivo, ocorrido durante a época vitoriana de Inglaterra, cronologicamente identificada entre Junho de 1837, data da chegada ao trono da Rainha Vitória, e Janeiro de 1901, data da sua morte, período em que, no auge da industrialização e da política colonial, o Império Bri-

tânico se transformou na mais importante empresa planetária.

Porém, o contributo para o sucesso legislativo e administrativo do futebol anteriormente referido, no sentido da institucionalização da sua vertente competitiva, foi corolário de um processo iniciado com o advento da Revolução Industrial, em meados do século XVIII, e a posterior introdução dos desportos como uma actividade extracurricular regular nas escolas públicas atribuído à iniciativa de **Thomas Arnold** (1795-1842).

E o que estava na base da corrente desportiva inglesa iniciada por Thomas Arnold era a intenção de transformar os jogos tradicionais numa educação social e de tempo livre, baseando-se nos princípios do jogo, o desporto, a recreação e as normas e regulamentos.

Nesta linha de raciocínio, o seu projecto colocava em plano de igualdade a educação intelectual e a educação corporal, eliminando os traços de um passado dominado pelos métodos escolásticos e dando oportunidades aos jovens de participação e responsabilização nas actividades escolares.

O objectivo era, então, o de utilizar as práticas desportivas como um meio fundamental de auto-realização e de formação de personalidades, fórmula enriquecedora pela capacidade de iniciativa dada aos jovens no sentido de se associarem em clubes que eles próprios dirigiam e controlavam. Assim se resolvia o problema da liberdade individual, utilizando-se os mecanismos do governo-de-si-mesmo para o desenvolvimento das virtudes cívicas e morais.

Esta perspectiva de Thomas Arnold, que desde 1828 assumira a direcção do Colégio de Rugby, onde se jogava por tradição um futebol brutal, fez surgir em Inglaterra um grande movimento desportivo escolar, dando origem a que na maioria dos Colégios o desporto fosse entendido de igual modo com as restantes matérias escolares, contribuindo

para dar aos jovens uma formação completa e orientada para a vida social, numa perspectiva de liberdade e responsabilidade. Os desportos mais praticados, à época, eram o futebol, o rãguebi, o críquete, o boxe, o atletismo, o ténis, a natação e o remo.

A visão pedagógica de Thomas Arnold, aberta a novas experiências, que numa primeira fase se confinara somente ao espaço inglês, na segunda metade do século XIX ela alargava-se progressivamente a outros países.

É sobre o objecto pedagógico e a influência que teve na promoção do futebol no meio escolar, particularmente em Lisboa no período de transição entre a Monarquia e a I República, de que é exemplo paradigmático a Casa Pia de Lisboa, em paralelo com uma "Prática de Rua", o tema do nosso próximo número.

continua no próximo número



BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Jorge, (2009) – A Prática Desportiva em Idade Escolar em Portugal: análise de influências nos itinerários entre a escola e a comunidade em jovens até jovens aos 11 anos. León: Universidade de León.
- CRESPO, Jorge, (1987) – As Actividades Corporais - Síntese Histórica. Lisboa: Direcção- Geral dos Desportos.
- DUNNING, Eric, (1992) – A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. Capítulo VII. In: A Busca da Excitação. Lisboa: Difel.
- ELIAS, Norbert, (1992) – A Busca da Excitação. Lisboa: Difel.



Jorge A. Araújo,
Jun./2012



A alfabetização motora do jovem futebolista: do gatinhar ao primeiro golo - parte 2

Resumo: Pretende-se com esta abordagem teórico-prática, explorar a iniciação ao futebol em termos de estratégia. Para o formador de jovens futebolistas ainda em fases muito precoces da sua formação, impõe-se reflectir sobre as várias opções que se lhes oferecem, assim como importa consubstanciar cientificamente os caminhos que se escolhem. Ensina-se futebol mediante a escolha de tarefas o mais apropriadamente adaptadas aos respectivos contextos. Por seu turno, a realização de qualquer tarefa implica custos: informacionais; energéticos e emocionais.

mano, se apresentar estável ou previsível.

Estejamos pois atentos aos diferentes tipos de tarefas motoras, que podem ir de um espectro mais fechado, limitado em termos de opções, de criatividade, apenas focalizado na pedagogia do modelo. Diametralmente oposto, temos a situação extrema – tarefas totalmente abertas, que preconizam a criatividade, a capacidade de tomar decisões, de arriscar, enfim o prazer próprio, que muitas vezes encontramos nos jogos de rua “peladinhos”. Se o ensino de muitos skills técnicos, reivindicam o desenvolvi-



Vamos equacionar este complexo contexto da formação do jovem futebolista, assumindo como factor decisivo a escolha da tarefa motora.

Palavra Chave: Aprendizagem motora; Constrangimento; Estratégia perceptiva e Tarefa motora.

Porquê a tarefa motora?

Considera-se ser a tarefa motora na presente abordagem, a pedra angular sobre o qual vai assentar todo o construto motor com vista à alfabetização motora do jovem, que está a dar os primeiros passos nesta apaixonante modalidade. Assim sendo, vamos começar por explicitar este importante conceito sobre o qual vai gravitar esta abordagem.

Tarefa motora pode ser entendida como uma “sequência de movimentos com objectivo, condições iniciais e critérios de êxito definidos” (Godinho et al, 2000). Segundo estes autores, as tarefas motoras podem apresentar-se abertas, se caracterizadas por um envolvimento físico e /ou humano relativamente instável e não previsível. Fechadas, se esse envolvimento físico e/ ou hu-

mento dos jovens sob a construção de programas fortemente vocacionados para a pedagogia do modelo, com critérios standardizados, rígidos, em que impera a disciplina, o rigor, em que os patamares evolutivos das crianças que se iniciam no futebol estão bem definidos. Pode naturalmente o leitor pensar em muitas vantagens. É verdade, mas é igualmente verdade, que o futebol actual e as suas tendências não passam apenas por exímios executantes. Existe algo mais, que se associa ao risco, à criatividade, em que não se esperava ver o que nunca fora feito. Nestes atletas talentosos, o grau de imprevisibilidade é grande; sendo que a incerteza para os adversários aumenta e delicia quem assiste à evolução destes talentos. Não são apenas factores de natureza física, técnica, tática. Os aspectos psicológicos são igualmente considerados muito importantes. Curiosamente certas escolas de futebol, é o caso do Ajax, já desde a década de setenta que preconizam os principais vectores na formação do atleta: técnica, inteligência, personalidade e velocidade. Outras famosas escolas de formação como o Barcelona e em Portugal, o Sporting Clube de Portugal, também atribuem especial relevo



aos factores de ordem psicológica: personalidade e inteligência, por exemplo.

Mas ninguém nasce ensinado, os atletas não nascem logo competentes, conseguem chegar a elevados níveis de performance, mediante muito treino de elevada qualidade e muita dedicação. De acordo com Castelo & Matos (2009), a unidade de treino é o exercício. Neste artigo, exercício é sinónimo de tarefa motora. Ainda de acordo com estes autores, é a forma como se selecciona os exercícios e que têm de apresentar uma complexidade estrutural adequada para constituírem desafios motivadores para os jovens e permitirem a sua evolução.

Para quem pretende aumentar o respectivo reportório em termos de concepção e organização de exercícios para o futebol, aconselha-se a consulta da obra dos autores acima mencionados. (Vide Bibliografia).

A importância de desenvolver a estratégia perceptiva

Segundo Godinho et al. (2002), estratégia perceptiva pode ser entendida como a organização dos analisadores sensoriais, no intuito de extrair as informações pertinentes da situação. Deduz-se que meios ricos em contextos que oferecem situações de grande instabilidade física e/ou humana, pode enriquecer e permitir por excelência a evolução do atleta em formação, no que concerne às estratégias perceptivas. De acordo com Garganta e Pinto (1996), durante a maior parte do jogo, os atletas seleccionam informações, analisam-nas e tomam decisões. Por outro lado, pela diversidade e complexidade de acções que este jogo encerra, quanto mais eficaz mental e fisicamente responder a um universo de situações, agindo de forma coordenada e com a maior destreza possível, tanto melhor.

Convém recordar que os jovens futebolistas desenvolvem os seus skills mediante a(s) tarefa(s) motora(s) que lhes são apresentadas. O técnico que é responsável pelo seu desenvolvimento deve estar muito atento à forma como evolui o jovem atleta, assim como às tarefas que selecciona para formar os seus futebolistas, e que poderão consubstanciar-se em exercícios critério. O primado da decisão

Constitui facto aceite por todos, que a modalidade de futebol apresenta algumas características bem peculiares: sistemas com grande dinâmica e complexidade; elevados níveis de tratamento de informação. Cogita-se que a aprendizagem e o treino de futebol, reivindicam uma riqueza de constrangimentos, que vai permitir ao jovem atleta diferenciar-se pela riqueza de decisões, sempre que as circunstâncias o exigirem. Deste modo e de acordo com Araújo & Davids (2005), pode-se pensar que a abordagem é fundamental para a aquisição do movimento e para a acção táctica deste jogo. Quando se fala em constrangi-

mentos, surge-nos constrangimentos ligados ao praticante, aqui estão presentes aspectos da maturação, que se relacionam com a capacidade do jovem responder de forma mais adequada às tarefas que são exigentes, a nível das capacidades coordenativas e domínios perceptivo-motores em contextos de constante mudança. Temos importantes constrangimentos, de natureza do envolvimento; caso da temperatura, factores sócio-culturais (amigos, família, expectativas sociais, por exemplo). Por outro lado, há ainda os constrangimentos da tarefa, que remetem para situações específicas de cada modalidade, mais à frente por nós desenvolvidas. A lógica do treino tem a ver com a proximidade às condições reais da modalidade, com os seus objectivos, formas dinâmicas de evolução, com os respectivos escalões e idade. É um processo evolutivo em complexidade. Necessariamente este processo exige aos atletas comportamentos mais versáteis e que vai permitir aos jovens praticantes responder de forma apropriada a situações não convencionais. Isto vai depender da forma como o treinador prepara e lida com os vários constrangimentos. Destaca-se aqui a riqueza do processo de alfabetização motora e a abordagem não linear deste jogo. Tudo isto vai implicar necessariamente abordagens à formação inicial dos jovens futebolistas mais ricas em contextos, no sentido de lhe proporcionar experiências ecléticas e que explicam constantemente adaptações perceptivo-motoras e que implicam maior capacidade de decisão.

Não há receitas, mas...

Quando se trabalha com principiantes, que estão a iniciar a aprendizagem desta modalidade, é aconselhável que não nos preocupemos com tácticas evoluídas, pensando que se fizermos essa abordagem muito cedo, a criança ganha vantagem. Estamos na tentação de escrever um slogan: não a tácticas formais, sim aos princípios. Convém referir que por princípios se entende como “normas de base segundo as quais os jogadores, individual, em grupo ou colectivamente, devem coordenar a sua actividade durante o desenvolvimento das fases(ataque e defesa)” (Garganta & Pinto, 1996). Avancem estes autores, com um con-





junto de princípios gerais: não permitir a inferioridade numérica; evitar igualdade numérica e procurar criar a superioridade numérica. Sendo que os princípios gerais ofensivos são: penetração; cobertura ofensiva; mobilidade e espaço. Princípios defensivos: contenção; cobertura defensiva; equilíbrio e concentração. De acordo com a experiência do praticante, escalão etário e aptidão perceptivo-motora, são assim ajustados os exercícios críticos (tarefas perceptivo-motoras), seleccionando-os o mais adequadamente possível.

Não está desligado do ensino/aprendizagem do futebol, as fases do ensino do jogo. A 1ª fase, deve estar associada à construção da relação com a bola; na fase 2 –deve estar presente o alvo (baliza); na fase 3 – já tem lugar a presença do adversário; 4 – tem lugar a construção do jogo com colegas e adversários e 5 – finalmente desenvolvem-se as noções espaço/tempo. Igualmente nesta parte do presente escrito, aconselhamos a leitura do artigo dos autores (Garganta & Pinto, 1996). Subjacente a este processo mais orientado para a aprendizagem e especialização em futebol, deve necessariamente ocorrer a alfabetização motora da criança, que tem a função de bem formar as crianças no que diz respeito às várias áreas (nomeadamente, factores psicomotores e capacidades coordenativas). Também aqui se aconselha ao leitor interessado, em aprofundar esta temática na leitura do livro da autoria de Guilherme(2010), que traduz uma experiência com mais de vinte anos, em alfabetizar crianças nas áreas perceptivo-motoras.

Conclusões

O trabalho de iniciação à modalidade do futebol, jamais estará acabado. Pretende-se dizer, que trabalhar com crianças de um meio citadino sem experiências motoras é diferente de trabalhar com crianças, que têm uma grande riqueza em experiências motoras significativas. Opinamos que cada vez mais, cabe aos clubes proceder à formação perceptivo-motora das crianças. A história de detectar talentos, só denota muitas vezes a inépcia de alguns formadores. Deveríamos banir esse “tabu” que para se aprender a jogar futebol, a criança só tem que aprender a jogar futebol e ir não ir para as sessões sempre equipada a rigor e obedecendo a um ritual desnecessário, por vezes com enorme stress.

Treinadores, dirigentes, pais, apaixonados pelo futebol, querem, sonham com resultados, esquecem-se muitas vezes que só estão a lidar com crianças. A metáfora do jardineiro poderá servir para ilustrar o “quão” humano deve ser a formação de jovens. Repare num jardineiro e no seu árduo trabalho, que também requer paciência, dedicação. Faz lembrar aquilo que dizia Sidhar-

ta no romance de Herman Hesse: “Saber pensar; saber jejuar e saber esperar”. Na formação, estes princípios aplicam-se. É um processo de mestria, que não se dá bem com trabalhos mal planeados, com faltas de respeito pelas crianças, no que se refere ao seu desenvolvimento integral e aos seus próprios ritmos evolutivos em diferentes áreas.

Terminamos alertando alguns responsáveis para o “mito” de algumas crianças “saltarem” os escalões, com a pressa de chegar logo a seniores. É preciso estarmos muito atentos, não cair na tentação de “queimar etapas”. Não são poucos os atletas que se perdem para o futebol, abandonam esta modalidade precocemente. É um assunto que merece séria reflexão!...

Bibliografia fundamental

- Castelo, J. (2009). Futebol – Organização Dinâmica do Jogo. 3ª edição. Universidade Lusófona. Faculdade de Educação Física e Desporto – Centro de Estudos de Futebol. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas
- Castelo, J. & Matos, L. (2009). Futebol - Concepção e organização de 1100 exercícios específicos de treino. 2ª edição. Lisboa: Visão e Contextos Editora.
- Davids, K.; Button, C. & Bennet, S. (2008). Dynamics of Skill Acquisition – A Constraints-Led Approach. Champaign: Human Kinetics
- Garganta, J. & Pinto, J. (1994). “O Ensino dos Jogos Desportivos” In O Ensino Dos Jogos Desportivos. Amândio Graça e José Oliveira Editores. Centro de Estudos Dos Jogos Desportivos. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto.
- Godinho, et al. (2000). Controlo Motor e Aprendizagem. Trabalhos Práticos. Cruz Quebrada: FMH Edições.
- Godinho et al (2002). Controlo Motor e Aprendizagem. Fundamentos e Aplicações. Editor: Mário Godinho. 2ª edição. Cruz Quebrada: FMH Edições
- Godinho et al (2007). Controlo Motor e Aprendizagem. Fundamentos e Aplicações. Editor: Mário Godinho. 3ª edição. Cruz Quebrada: FMH Edições
- Guilherme, J. (2010). A Importância da Motricidade no Desenvolvimento Global da Criança. Estratégias de Intervenção. Portimão: ISMAT Edições
- Haibach, P. et al, (2011). Motor Learning and Development. USA: Human Kinetics
- Júlio, L. & Araújo, D. (2005). Abordagem dinâmica da acção táctica no jogo de futebol. In O Contexto da decisão. A Acção Táctica no Desporto. Editor Científico Duarte Araújo. Lisboa: Visão e Contextos. pp (159-178).
- Latash, M. (2010). “Motor Control Theories and Their Applications” in Medicina, 46 (6), 382-392
- Schreiner, P. (2002). Entrenamiento De La Coordinación en el fútbol. Madrid: Editorial Paidotribo

José Guilherme

Docente no Ismat (Unidade Curricular de Desenvolvimento e Adaptação Motora).



Futsal: as leis do jogo

Por António Pincho Correia

Lei 5 - OS ÁRBITROS

Autoridade dos árbitros

O jogo é disputado sob o controlo de dois árbitros, o árbitro e o segundo árbitro, que dispõem de toda a autoridade necessária para velar pela aplicação das Leis do Jogo de Futsal relativamente ao jogo que são chamados a dirigir.

Competências e obrigações (algumas referências)

Devem controlar o jogo em cooperação com os árbitros assistentes, quando for o caso;

Garantir que qualquer bola utilizada satisfaz as exigências da Lei 2; Garantir que o equipamento dos jogadores satisfaz as exigências da Lei 4;

Interromper o jogo se, no seu entender, um jogador está seriamente lesionado e fazê-lo transportar para fora da superfície de jogo;

Providenciar que qualquer jogador que esteja a sangrar, saia da superfície de jogo (o jogador apenas pode reentrar na superfície de jogo mediante autorização dos árbitros, que devem certificar-se, diretamente ou através do terceiro árbitro, que o jogador já não está a sangrar);

Sancionar a falta mais grave quando um jogador cometa simultaneamente mais do que uma falta;

Agir disciplinarmente contra qualquer jogador que tenha cometido uma infração passível de advertência ou expulsão.

Os árbitros devem ainda tomar medidas disciplinares contra elementos oficiais que não se comportem de modo responsável e podem, se assim o entenderem, expulsá-los da área técnica e das imediações da superfície de jogo;

Remeter às autoridades competentes um relatório onde constem as informações relativas a todas as medidas disciplinares que tomaram contra jogadores e/ou elementos oficiais, assim como qualquer incidente ocorrido antes, durante ou depois do jogo;

Os árbitros só podem modificar uma decisão se verificarem que a mesma é incorreta ou se o julgarem necessário, mediante a indicação do árbitro assistente, desde que o jogo não tenha ainda recomeçado ou terminado;

As decisões do árbitro prevalecem sobre as do segundo árbitro, se ambos assinalarem qualquer infração e estiverem em desacordo.

O árbitro

Desempenha as funções de cronometrista e de terceiro árbitro se os árbitros assistentes não estiverem presentes;

Suspende ou dá por terminado o jogo, quando assim o entender, por qualquer infração às Leis do Jogo de Futsal, ou ainda em resultado de qualquer tipo de interferência exterior.

O segundo árbitro

Substitui o árbitro no caso de lesão ou indisposição deste.

Poderes e deveres dos árbitros

Os árbitros devem interromper o jogo se, em seu entender, a iluminação é insuficiente devido a qualquer tipo de avaria. Se a avaria não puder ser reparada, devem dar o jogo por terminado.

Se um objeto lançado por um espectador atinge um elemento da equipa de arbitragem, um jogador ou um elemento oficial de uma equipa, o árbitro, dependendo da gravidade do incidente, poderá permitir que o jogo prossiga, suspender temporariamente o jogo ou dar o mesmo por terminado. Em qualquer dos casos, deverá remeter um relatório do(s) incidente(s) às autoridades competentes. Os árbitros têm autoridade para advertir ou expulsar jogadores no intervalo e depois do jogo terminar, assim como durante o prolon-

gamento e os pontapés da marca de grande penalidade, uma vez que as decisões disciplinares permanecem sob a sua jurisdição nesses momentos.

Se um dos árbitros ficar temporariamente incapacitado por qualquer motivo, o jogo poderá continuar sob a supervisão do outro árbitro e dos árbitros assistentes até que a bola deixe de estar em jogo.

O Futsal é um desporto competitivo e os árbitros devem entender que o contacto físico entre os jogadores é um aspeto normal e aceitável do jogo. No entanto, se os jogadores não respeitarem as Leis do Jogo de Futsal e os princípios do desportivismo, ou seja, do fair-play, os árbitros deverão tomar as medidas apropriadas para que as respeitem.



Mais de uma infração simultânea

Nas infrações cometidas por dois ou mais jogadores da mesma equipa, os árbitros devem punir a falta mais grave e o jogo deve recomeçar de acordo com a falta mais grave. Se as faltas cometidas forem punidas com pontapé livre direto, os árbitros dão indicação para acumulação das faltas correspondentes.

Nas infrações cometidas por jogadores de equipas diferentes, os árbitros devem interromper o jogo, uma vez que não podem aplicar a Lei da Vantagem, e o jogo recomeça com um lançamento de bola ao solo no local onde a bola se encontrava quando o jogo foi interrompido, a menos que tenha sido interrompido com a bola dentro da área de grande penalidade, pois nesse caso um dos árbitros executará a bola ao solo na linha da área de grande penalidade no ponto mais próximo do local onde a bola se encontrava quando o jogo foi interrompido. Se as faltas cometidas forem punidas com pontapé livre direto, os árbitros dão indicação para acumulação das faltas correspondentes.

Aplicação da Lei da Vantagem

Não é permitida a aplicação da Lei da Vantagem por infrações à regra dos quatro segundos, salvo se a infração for cometida pelo guarda-redes ao controlar a bola, quando esta esteja já em jogo, na sua meia superfície de jogo e, perde a posse da bola para um adversário.

Os árbitros devem considerar as seguintes circunstâncias para decidirem se devem aplicar a Lei da Vantagem ou interromper o jogo: A gravidade da infração, se a infração implica uma expulsão: os árbitros devem interromper o jogo e expulsar o jogador, a menos que ocorra uma clara ocasião de golo;

O local onde foi cometida a infração: quanto mais próximo da baliza adversária, mais decisiva poderá ser a Lei da Vantagem; a oportunidade de um ataque imediato e prometedor; que a infração cometida não seja a sexta falta acumulada de uma equipa ou outra superior, a menos que ocorra uma clara ocasião de golo; também é importante o ambiente em que o jogo decorre.

A decisão de sancionar a infração inicial deve ser tomada nos segundos seguintes à sua ocorrência, mas não se pode voltar atrás, se o árbitro não tiver feito a sinalética correspondente ou se tiver permitido outra jogada.



Lagos berço do futebol algarvio

O Farense foi o primeiro clube algarvio a comemorar o centenário, em 2010, seguiu-se o Olhanense, em Abril último, e ainda este ano, em Setembro, será a vez do Esperança de Lagos atingir igual fasquia. Ao contrário dos vizinhos de Faro e de Olhão, os lacobrigenses nunca andaram pelo escalão principal do futebol português nem disputaram finais da Taça de Portugal, mas podem orgulhar-se – e muito! – de um passado que regista feitos de monta e, sobretudo, um trabalho de excelente qualidade realizado na formação, com vários jogadores de renome a darem os primeiros pontapés ali junto à baía. O centenário, que se aproxima, da principal força desportiva de Lagos remete-nos para dois episódios deveras interessantes, um deles intrinsecamente ligado à formação do clube e o outro relacionado com a introdução do futebol no Algarve. Começemos pelo primeiro, explicando o que levou o Esperança a ser... Esperança.

A 20 de Setembro de 1912, num café da Praça da República, um grupo de dissidentes do Lagos Foot-ball Club discutia a fundação de um novo clube, mas não havia acordo. O nome de Sporting Clube de Lagos não recolhia unanimidade, outras sugestões ainda menos, até que José Victor Adragão (que viria a ser, mais tarde, presidente da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António) decidiu, em homenagem à sua namorada (e futura esposa), desbloquear o impasse: propôs o nome da “sua” Esperança (Esperança da Conceição Raimundo Rodrigues, de seu nome completo). A ideia vingou... e já lá vão 100 anos.

O outro episódio prende-se com as origens do futebol no Algarve. Já várias localidades reivindicaram para si o pioneirismo, mas sem qualquer sustentação documental. O primeiro registo que há de um jogo de futebol na região remonta a 1882: Xavier, um antigo jogador do Esperança

de Lagos, conservava na sua posse um recorte de jornal que dava conta de “um sport estranho, com onze jogadores de cada lado a pontapearem desenfreadamente uma bola, sob a direcção de um referee”. Estávamos no ano de 1882 e a partida, envolvendo exclusivamente marinheiros de embarcações britânicas que escalavam Lagos, disputou-se no aterro do cais, um campo de futebol improvisado no areal junto ao rio.

Este é o registo documentado mais antigo acerca da realização de um jogo de futebol no Algarve. O que pode discutir-se – e ainda não encontramos documentação esclarecedora – é o local do primeiro jogo de futebol envolvendo uma equipa algarvia. Mas que Lagos foi o berço do futebol na nossa região, disso não restam dúvidas...

Ali, na cidade lacobrigense, nasceu o grande Fernando Cabrita, que haveria de brilhar no Olhanense, no Sporting da Covilhã e na selecção, ali também deram os primeiros pontapés na bola os irmãos Galaz, um dos quais, João, se firmaria como um defensor de excelência no Sporting, e ali se formaram vários jogadores que mostraram depois a sua qualidade nos relvados nacionais e chegaram mesmo às selecções – Décio, Rui Manuel, Helinho e muitos outros.

Está a chegar o centenário do Esperança, no berço do futebol no Algarve!

ARMANDO ALVES



Teste os seus conhecimentos

1 – O Portimonense é o único representante da região na Liga de Honra. Qual a equipa algarvia que já venceu esta prova?

- A – Olhanense
- B – Farense
- C – Portimonense

2 – O Olhanense, que compete na 1.ª Divisão, soma quantas participações consecutivas neste patamar, no ciclo em curso?

- A – Quatro
- B – Três
- C – Duas

3 – O Quarteirense esteve longo tempo afastado da 2.ª Divisão nacional. Em rigor, quantas épocas?

- A – 27
- B – 17
- C – 19

4 – Ivo Soares, treinador do Lusitano de Vila Real de Santo António, foi guarda-redes e jogou na 1.ª Divisão ao serviço do...

- A – Sp. Espinho
- B – Portimonense
- C – Farense

5 – Pelo Esperança de Lagos passou um dos maiores jogadores de sempre do futebol português...

- A – João Moutinho
- B – António Pacheco
- C – Fernando Cabrita

6 – A propósito de João Moutinho: o seu pai, Nélson Moutinho, foi treinador do...

- A – Lusitano VRSA
- B – Lagoa
- C – Olhanense

7 – Roberto, jogador que se transferiu do Esperança de Lagos para o Portimonense, tem um grau de parentesco com José Armando, antigo jogador do Portimonense e do Olhanense...

- A – filho
- B – sobrinho
- C – neto

8 – O extremo Abdi é reforço do Olhanense. Qual o seu país de nascimento?

- A – Quénia
- B – Somália
- C – Etiópia

9 – Marito, treinador do Quarteirense, contabiliza quantas subidas de divisão ao serviço do clube?

- A – Duas
- B – Três
- C – Quatro

10 – O treinado do Farense, Bruno Ribeiro, viveu, enquanto futebolista, uma interessante experiência num clube inglês. Qual?

- A – Blackburn Rovers
- B – Leeds United
- C – Nottingham Forest

Respostas: 1-a; 2-a; 3-b; 4-c; 5-c; 6-b; 7-a; 8-b; 9-b; 10-b

Jogadores estrangeiros

São muitos os jogadores estrangeiros que, ao longo de quase um século de futebol oficial no Algarve, passaram pelos clubes da região. Os nomes de alguns deles encontram-se no quadro abaixo, em todos os sentidos possíveis:

ABDI
BOROTA
CURCIC
DANOV
DIALLO
FLORIS
GUETOV
HAJRY

HASSAN
JAIR
JORGE ANDRADE
JOSÉ CARLOS
KACHMEROV
KASUMOV
LEMAJIC
MAARTEN

MANÉ
MANOEL
MAURICINHO
MBOUDGUI
NENÉM
PAGANI
PITICO
PUNISIC

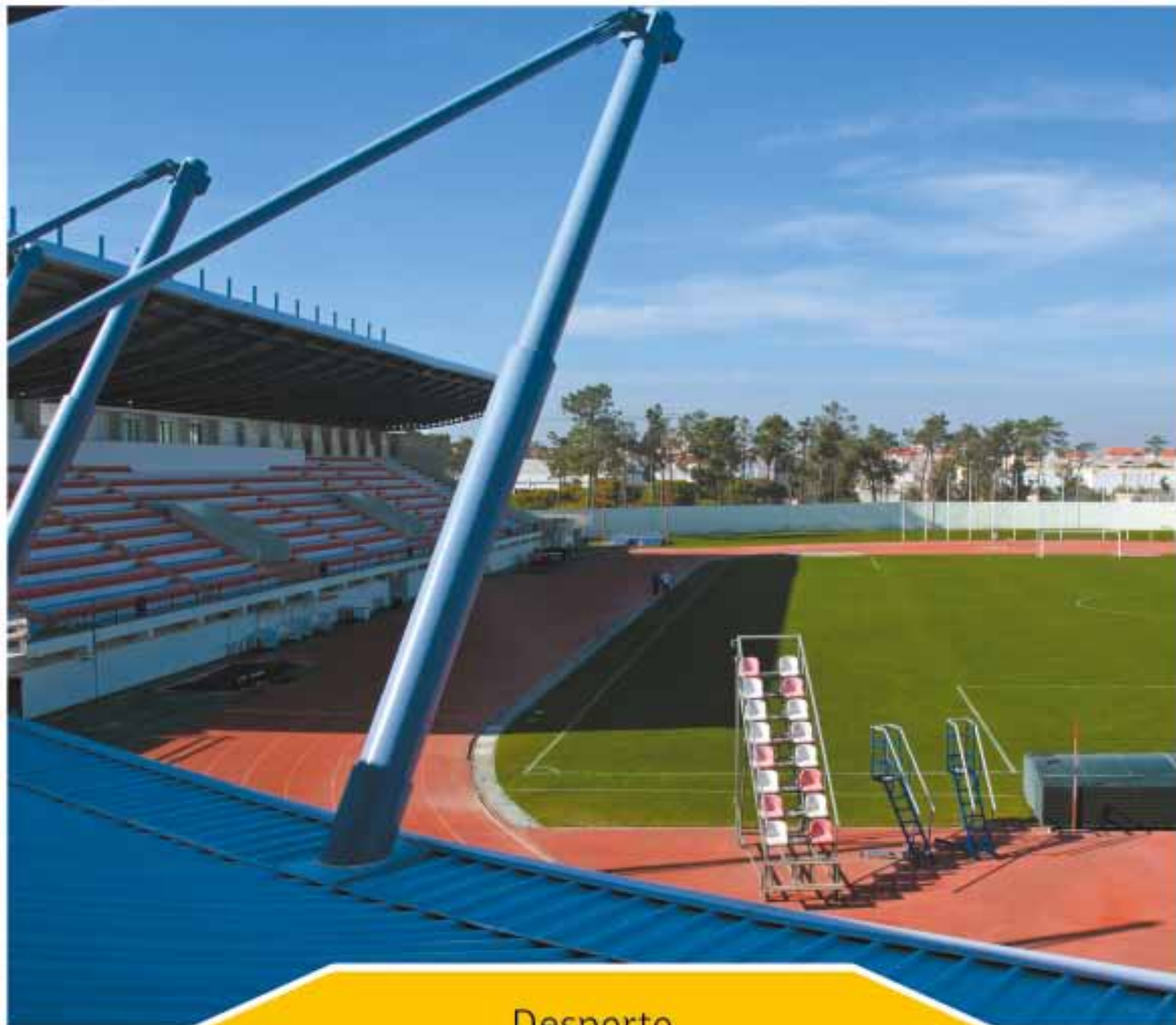
A	B	A	Q	O	R	Q	R	V	O	M	U	S	A	K	Q	Z	L	Z	E	Q	Q	Z	Q	Q
A	B	N	A	P	T	A	R	M	A	N	O	E	L	Z	A	X	K	X	R	E	A	X	A	A
A	B	A	F	P	Y	S	E	Q	Q	A	A	O	B	X	S	C	J	C	T	R	S	C	S	G
B	Q	S	D	O	U	Q	R	A	E	O	H	N	I	C	I	R	U	A	M	E	A	V	A	U
R	A	S	A	P	I	S	T	S	R	C	A	N	B	Q	A	B	H	M	Z	R	S	B	S	E
T	Q	A	D	O	Y	A	R	A	T	I	S	B	N	A	S	N	G	N	X	T	A	N	A	T
R	A	H	D	P	T	S	E	S	Y	T	D	V	S	O	L	R	A	C	E	S	O	J	S	O
T	S	R	F	O	R	A	R	A	Y	I	D	B	B	A	A	Z	F	V	B	A	A	A	A	V
G	C	F	F	P	T	S	E	S	U	P	U	N	I	S	I	C	D	C	N	S	A	S	A	A
R	D	G	G	O	Y	A	R	A	I	A	A	Z	B	A	A	P	S	F	V	Y	R	J	A	H
C	D	G	G	C	Y	S	E	S	O	A	D	X	N	D	Z	O	A	G	B	A	Z	A	A	A
I	F	H	V	I	I	A	R	A	P	A	A	C	B	F	X	I	S	F	N	S	Z	D	T	S
C	F	G	V	J	O	R	G	E	A	N	D	R	A	D	E	U	D	M	A	A	R	T	E	N
R	I	A	J	A	O	J	E	A	O	R	A	Z	B	Q	Z	Y	F	A	V	A	A	R	Y	A
U	J	A	U	M	P	H	R	S	I	T	Q	X	N	A	X	T	M	B	O	U	D	G	U	I
C	U	S	I	E	O	H	E	A	U	Y	U	C	B	S	C	R	H	A	V	A	D	T	U	A
I	I	A	I	L	K	A	C	H	M	E	R	O	V	A	V	E	J	N	E	N	E	M	I	Q
O	O	S	O	T	U	R	T	A	Q	I	I	B	B	S	B	Q	I	A	B	Z	F	A	O	A
P	O	A	I	L	I	F	R	S	A	O	I	N	N	A	N	A	N	F	T	S	F	Q	P	A
P	O	D	J	O	I	G	D	I	A	L	O	B	A	Z	S	A	G	U	I	G	E	U	T	
O	P	D	H	P	I	H	R	A	A	O	Z	N	S	X	D	G	H	I	R	H	R	I	O	
E	L	F	B	L	O	G	T	A	B	D	I	X	B	Z	C	F	A	J	O	O	J	T	O	R
N	I	F	G	O	I	H	R	A	A	P	I	C	Z	X	V	G	P	S	R	L	H	T	I	O
A	O	D	B	I	O	F	V	O	N	A	D	B	X	C	B	H	K	D	T	F	G	Y	T	B
M	P	D	G	P	I	G	R	A	D	U	O	N	C	C	N	J	L	F	R	V	H	U	Y	A

Estamos a falar de....

Nasceu em Olhão, alfobre de muitos e bons jogadores do futebol algarvio, a 23 de Outubro de 1953, e no Olhanense se fez guarda-redes, chegando ao plantel principal na época 1971/72, chegando a jogar pelos rubro-negros no escalão principal. Em 1976/77 saiu para o Vasco da Gama de Sines, vivendo depois duas novas etapas em clubes do escalão principal, Portimonense e Vitória de Setúbal. Seguiram-se seis anos nas ilhas, dois nos Açores, no Lusitânia, e quatro na Madeira, no Nacional, antes do regresso ao Algarve: Louletano, Lusitano de Vila Real de Santo António, Esperança de Lagos, Ginásio de Tavira, Culatrense e Salir foram etapas vividas já em final de carreira, antes de iniciar percurso como treinador.

Avelino Condinho





Desporto

COMPLEXO DESPORTIVO

Vila Real de Santo António

Desporto aqui.



Município de Vila Real de Stº, António
Praça Marquês de Pombal
8900 - 231 Vila Real de Stº, António

Tel. 281 510 000
Fax. 281 510 003

www.cm-versa.pt



VILAREALSTºANTONIO

Albufeira ***vive o*** ***desporto***



Albufeira

CÂMARA MUNICIPAL

www.cm-albufeira.pt